

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO
INSTITUTO DE ECONOMIA
MONOGRAFIA DE BACHARELADO

**Uma breve análise sobre o desenvolvimento
econômico sueco**

Giovana Izaias Vasconcelos
Matrícula nº 109023569

ORIENTADOR: Prof. Ronaldo Fiani

JANEIRO 2014

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO
INSTITUTO DE ECONOMIA
MONOGRAFIA DE BACHARELADO

**Uma breve análise sobre o desenvolvimento
econômico sueco**

Giovana Izaias Vasconcelos

Matrícula nº 109023569

ORIENTADOR: Prof. Ronaldo Fiani

JANEIRO 2014

As opiniões expressas neste trabalho são da exclusiva responsabilidade do autor

AGRADECIMENTOS

Em primeiro lugar, eu gostaria de agradecer a Deus, por ter me dado força nos momentos mais difíceis e ter sido meu guia em toda minha trajetória.

Agradeço também a minha família, Eliane, Giovani, Junior e Ernestina, pelo suporte e apoio incondicional às minhas escolhas, mesmo quando elas significaram meu distanciamento físico. As minhas amigas de Rio das Ostras, Maria Gabi, Nath e Bia, por todo o papo furado e por terem me acompanhado nesses últimos anos.

Ao povo da UFRJ, Anna Pati, Isita, Mari, Pedrito e Tati, por tornarem as aulas de sete da manhã mais agradáveis, e a senhorita Dani Sant'Anna por ter dividido todas as dúvidas, frustrações e planos. Obrigado a todos vocês por terem me recebido de braços abertos na cidade grande.

Também gostaria de agradecer a todos funcionários do Instituto de Economia da UFRJ por terem participado de forma direta ou indireta da minha formação, e principalmente, ao meu professor e orientador Ronaldo Fiani por toda atenção e paciência.

Sem cada um de vocês nada disso seria possível.

RESUMO

Nos meados do século XX, a Suécia era um dos principais focos de debate e interesse internacional por conquistar um crescimento econômico estável combinado com uma sólida harmonia social. Em um período de cem anos o país havia se transformado de um país pobre do continente europeu em uma das nações mais ricas e prósperas da economia ocidental, o Estado sueco conseguiu traduzir os avanços tecnológicos da época e o estímulo externo de uma demanda crescente no mercado mundial em um processo de desenvolvimento econômico extraordinário. Os cem anos de prosperidade só terminaram no quarto final do século XX com uma das piores crises da história da economia sueca. Portanto, este trabalho busca traçar um panorama sobre o desenvolvimento econômico sueco, através do exame do período de maior sucesso de sua história e da crise subsequente a esta fase. Identificando como elementos centrais para este processo a participação do Estado e a influência do cenário internacional, verifica-se a forte correlação desses dois elementos com a sua trajetória econômica.

SUMÁRIO

| | |
|---|----|
| INTRODUÇÃO | 9 |
| CAPÍTULO I – A GRANDE TRANSFORMAÇÃO | 11 |
| Introdução..... | 11 |
| I.1 O início do crescimento | 11 |
| I.1.1 A Revolução agrícola..... | 12 |
| I.1.2 A época das exportações de matérias-primas | 14 |
| I.1.3 Protoindústria..... | 17 |
| I.2 Estado, protecionismo e livre mercado | 18 |
| I.3 Educação e Capital humano | 20 |
| I.4 Sistema Financeiro..... | 21 |
| I.5 Transformação industrial..... | 23 |
| Conclusão | 25 |
| CAPÍTULO II – RACIONALIZAÇÃO E PLENO EMPREGO | 28 |
| Introdução..... | 28 |
| II.1 A Época de Ouro do Capitalismo | 28 |
| II.2 A Política Econômica e o Programa Rehn-Meidner..... | 30 |
| II.2.1 Impostos e Fundos de Investimento..... | 31 |
| II.2.2 Negociação Centralizada..... | 36 |
| II.2.2 Política Salarial Solidária | 37 |
| II.2.3 Política do Mercado de Trabalho..... | 39 |
| II.2.4 Política Industrial pós 1968..... | 41 |
| Conclusão | 43 |
| CAPÍTULO III – CRISE | 45 |
| Introdução..... | 45 |
| III.1 Mudanças da Economia Internacional..... | 45 |
| III.1.1 A mudança estrutural e a Resposta Sueca..... | 45 |
| III.1.2 O Liberalismo Econômico e a Taxa de Juros..... | 47 |

| | |
|---|----|
| III.2 A década de 1990 | 49 |
| III.2.1 Desregulamentação e a Expansão do Credito | 49 |
| III.2.2 A crise imobiliária e bancária..... | 51 |
| III.2.2 A crise cambial..... | 55 |
| Conclusão | 56 |
| CONCLUSÃO | 59 |
| BIBLIOGRAFIA | 62 |

SIGLAS

| | |
|------------|--|
| AMS | Conselho Nacional do Mercado de Trabalho |
| LO | Confederação Sueca de Sindicatos |
| PMTA | Política de Mercado de Trabalho Ativa |
| SAF | Confederação Patronal Sueca |

ÍNDICE DE GRÁFICOS

| | |
|---|----|
| Gráfico I.1 - Participação do PIB a preços correntes – 1870 a 1939 | 27 |
| Gráfico II.1 - Efeitos cíclicos do Sistema de Fundos de Investimento no Preço Efetivo de Investimentos - 1956-1972..... | 33 |
| Gráfico II.2 - Taxas de imposto nominais e efetivas sobre a indústria sueca - 1951-1991 | 35 |
| Gráfico II.3 - Taxas de migração interparoquial, 1945-1993 | 40 |
| Gráfico III.1 Variação da inflação sueca 1983-2000 | 52 |
| Gráfico III.2 Indicadores do Setor Imobiliário | 53 |
| Gráfico III.3 Taxa de crescimento anual do volume de crédito na Suécia, 1985-1994 (em%) | 54 |

ÍNDICE DE TABELAS

| | |
|--|----|
| Tabela 1 Desenvolvimento econômico e industrial sueco em comparação internacional, entre 1870-1976. Países selecionados..... | 9 |
| Tabela 2 Taxas anuais de crescimento econômico per capita Países Industrializados e Economia Mundial, 1871-2005 | 10 |
| Tabela I.1 Taxa tarifária media dos produtos manufaturados em países selecionados nos anos de 1875 e 1913..... | 19 |
| Tabela I.2 Número de escolas técnicas secundárias, e estudantes, e a população sueca, 1890-1910 (Crescimento percentual) | 21 |
| Tabela I.3 Participação dos Bancos Comerciais no sistema de crédito, em porcentagem do PIB , 1860–1910 | 22 |
| Tabela I.4 A estrutura das exportações suecas 1881-1885 e 1911-1913..... | 24 |
| Tabela I.5 Crescimento da produção por setor, 1861-1940 (aumento percentual) | 24 |
| Tabela II.1 Participação nas Exportações Suecas | 29 |

| | |
|---|----|
| Tabela II.2 Consumo Privado 1950-1975. Aumento anual em volume (%) | 29 |
| Tabela II.3 Crescimento da produtividade por setor 1950-1969. Aumento anual em volume (%) | 30 |
| Tabela II.4 Variação da Dispersão Salarial para Trabalhadores da Indústria Sueca (variação percentual)..... | 38 |
| Tabela II.5 Gastos do Estado sueco com PMTA entre 1965 e 1984..... | 41 |
| Tabela II.6 Principais Institutos de Pesquisa Industrial Suecos por Ano de Fundação..... | 42 |
| Tabela III.1 Custo líquido dos subsídios estatais à indústria de transformação e siderúrgica (preços constantes de 1980 = 100)..... | 46 |
| Tabela III.2 Cronologia da desregulamentação do setor bancário sueco | 50 |
| Tabela III.3 A experiência de grandes bancos durante a crise bancária | 55 |

INTRODUÇÃO

Em meados do século XX a Suécia se apresentava como um modelo de sucesso econômico e social. Possuía, simultaneamente, uma posição consolidada no comércio internacional e um dos mais abrangentes sistemas de seguridade social. O aclamado modelo sueco conciliava a preocupação social com uma política econômica ativa, principalmente em relação ao mercado de trabalho.

Esta pesquisa está concentrada no desenvolvimento econômico sueco. Primeiramente, é preciso enfatizar a configuração da fase de crescimento que abrange as décadas de 1870 e 1970 como o verdadeiro marco da transformação econômica e estrutural sueca, onde a nação pobre e essencialmente agrícola apresentou um dos mais intensos desenvolvimentos socioeconômicos da época. Como foi observado por Schön:

“In the mid-nineteenth century the Swedish average income level was close to the average global level (as measured by Maddison). In a European perspective Sweden was a rather poor country. By the 1970s, however, the Swedish income level was more than three times higher than the global average and among the highest in Europe”. (SCHÖN, 2008, p.1)

O século XX constituiu o período mais próspero da industrialização e do crescimento sueco: o grande trunfo foi conseguir tirar vantagem dos avanços tecnológicos e organizacionais da época. O acréscimo no valor adicionado e a diversificação dos produtos de sua pauta de exportação ampliou a capacidade de capitalização interna e elevou a renda nacional. As duas primeiras revoluções na estrutura da produção e acumulação capitalista trouxeram vantagens incalculáveis para o país, pois elevaram a demanda internacional de seus recursos internos. Entre 1870 e 1976 a Suécia possuía um dos maiores PNBs per capita da economia ocidental, como pode ser verificado na Tabela 1 a seguir.

Tabela 1 – Desenvolvimento econômico e industrial sueco em comparação internacional, entre 1870-1976. Países selecionados

| | PNB | PNB per capita | Produção industrial | Produção industrial por empregado |
|--------------------|-----|----------------|---------------------|-----------------------------------|
| Suécia | 3,0 | 2,5 | 4,1 | 2,8 |
| França | 2,0 | 1,8 | 2,6 | 2,3 |
| Alemanha Ocidental | 2,6 | 2,0 | 3,7 | 2,1 |
| Itália | 2,3 | 1,6 | 4,2 | 3,0 |
| Noruega | 2,8 | 2,0 | 3,8 | 2,8 |
| Reino Unido | 2,9 | 1,5 | 2,4 | 1,9 |
| Estados Unidos | 3,6 | 2,0 | 3,9 | 2,8 |

Fonte: DALY; HORVÁTH, 1989, p.16

No entanto, a prosperidade foi revertida no final do século XX, durante a chamada Terceira Revolução Industrial. A economia sueca passou a apresentar taxas de crescimento menores que as taxas dos demais países industrializados, como pode ser visto na Tabela 2.

| | Suécia | Demais países nórdicos | Restante da Europa Ocidental | Estados Unidos | Japão | Economia Mundial |
|---------------------|--------|------------------------|------------------------------|----------------|-------|------------------|
| 1871/1875-1971/1975 | 2.4 | 2.0 | 1.7 | 1.8 | 2.4 | 1.5 |
| 1971/1975-2001/2005 | 1.7 | 2.2 | 1.9 | 2.0 | 2.2 | 1.6 |

Fonte: SCHÖN, 2008, p.2

Assim, esse estudo traçará uma análise do início da transformação da economia sueca à sua maior crise no final do século XX, com destaque para a participação do Estado, e para a influência da economia internacional nesse processo.

“Sweden is a small economy that has been open to foreign influences and highly dependent upon the world economy. Thus, successive structural changes have put their imprint upon modern economic growth”. (SCHÖN, 2008)

Desta forma, no primeiro capítulo o foco estará no período conhecido como “a grande transformação” (HECKSCHER, 1954, p. 209). Nessa fase, o *boom* de exportações de matéria-prima foi responsável por gerar as receitas necessárias para o processo de industrialização, realizar investimentos em infraestrutura e impulsionar o mercado interno para produtos do setor de engenharia.

O segundo capítulo realçará a consolidação do crescimento durante a primeira metade do século XX. Como a economia sueca foi estruturada para manter um crescimento sustentável para a sociedade industrial, empregando como instrumento crucial a “política do salário solidário” para estimular a racionalização e o aumento de produtividade de sua indústria.

Por fim, o terceiro capítulo examinará a crise que encerrou os cem anos de prosperidade. A Suécia, aparentemente, sofreu mais com as mudanças estruturais da segunda metade do século XX que as demais economias industrializadas, sua trajetória de crescimento foi abalada e a nova conjuntura acabou por exigir reformas em sua política econômica nas últimas décadas.

CAPÍTULO I – A GRANDE TRANSFORMAÇÃO

Introdução

Este capítulo apresentará a fase da economia sueca denominada por Heckscher (1954) de ‘a grande transformação’. O período que se estendeu dos meados do século XIX ao início do século XX representa seu ciclo de crescimento sustentado.

Assim, primeiramente será abordado o impulso inicial da expansão econômica que seria concedido pelo setor de matérias primas, cuja exportação encontraria uma demanda inelástica na Europa em industrialização (BLOMSTRÖM e KOKKO, 2002). A exportação, principalmente, de produtos derivados de ferro e de madeira proporcionaria a força necessária para desintegrar a tradicional família camponesa e alavancar a transformação industrial (MAGNUSSON, 2000).

Nas seções seguintes será levantado o papel do Estado durante esta etapa do desenvolvimento econômico da Suécia, cuja participação seria essencial para o sucesso de seu *catch-up* tecnológico. Como observado por Lars Magnusson:

“This view, that capitalism is something imposed by government and other centers of power, is not without foundation. It is a system which often acts as the very antithesis of the simple market economy. In its exchange of surplus products and local specialties, the simple market economy finds its own paths. Capitalism, by contrast, requires regulation, often at the national level, which places constraints on the way the household-based market economy operates; farmers are forced to make charcoal, they are not allowed to forge in their own workshops in the rural areas, they are banned from maritime trade, etc. This process is usually driven by a vigorous government that attempts to gain benefit for itself – but regulation and coercion are as essential to the new capitalist actors as the very air they breathe” (MAGNUSSON, 2000).

Desta forma, também serão analisados tanto a fase liberal e protecionista da economia sueca quanto o desenvolvimento de seu capital humano e sistema financeiro.

1.1 O início do crescimento

O crescimento contínuo se iniciou em 1870 com a exportação de matérias-primas, com destaque para o minério de ferro e o extrativismo florestal, impulsionado tanto por mudanças técnicas exógenas, quanto por medidas de política.

A transformação começou gradativamente ainda no século XVIII com a revolução agrícola, cuja dimensão foi essencial para lançar as bases para o desenvolvimento dos próximos

dois séculos. A mudança se inicia com a liberação da propriedade privada para fins mais lucrativos, com a extinção do monopólio aristocrático sob o solo.

Assim, a produtividade agrícola cresceu ininterruptamente, e o campo não só teve um rendimento suficiente para alimentar a crescente sociedade urbana, como se tornou um exportador líquido de cereais em 1850.

As exportações se redirecionaram para derivados de ferro e madeira com o boom de demanda dos países em industrialização, o que gerou os recursos necessários para a Suécia financiar a sua própria industrialização.

1.1.1 A Revolução agrícola

O principal objetivo desta seção é analisar como a revolução agrícola lançou as bases para reformas institucionais e para uma nova divisão do trabalho, as quais alteraram a composição do capital e propiciaram o crescimento da produção mercantil na Suécia. Desta forma, serão analisadas as pré-condições para o avanço da agricultura no período anterior a 1870.

Após a região da Scania, considerada o celeiro da Suécia, passar por dois períodos de estagnação – o primeiro durante a Grande Guerra do Norte no início do século XVIII e o segundo na década de 1740 devido às pragas e quebras de safras – o governo sueco se preocupou com sua única fonte de excedentes agrícolas e dedicou-se à busca por novas técnicas de cultivo para aumentar a produtividade. Assim, determinou uma redistribuição de terras influenciada pela lei inglesa de cercamento dos campos (OLSSON e SVENSSON, 2010).

O decreto de consolidação dos campos (*Storskiftesstadgan*) de 1749 unificou estreitas faixas de terras, e incorporou-as junto aos terrenos não cultivados às fazendas fiscais, terras de propriedade de camponeses encarregados de pagar tributos, geralmente em espécie, à coroa. As regulamentações adicionais de 1749 e 1757 explicitaram que a redistribuição de terras estava intrinsecamente correlacionada à exploração de impostos. A segunda metade do século XVIII ainda presenciou a dissolução do direito à isenção de impostos e monopólio sobre a posse de terras da nobreza, o que criou uma onda de aquisição de fazendas fiscais por agricultores (HECKSCHER, 1954).

A lei dos cercamentos dos campos (1807), a qual teve a peculiaridade de tornar os lotes mais homogêneos e proporcionar um aumento de partições e assentamentos de terra, gerou

incentivos para o agricultor investir em novos métodos de trabalho, como melhoria nos métodos e irrigação do cultivo, generalização do uso de fertilizantes e aplicação de formas simples de mecanização (SÖDERSTEN, 1990).

O resultado foi um aumento substancial na produção agrícola e a formação de um excedente desta, o que, somado ao estímulo externo gerado pela crescente demanda inglesa proporcionou a transformação da Suécia em um país exportador de cereais. Os maiores legados dessa fase da agricultura foram a introdução do progresso técnico na base produtiva nacional e o crescimento do mercado interno, dada a maior demanda do setor exportador. (MAGNUSSON, 2000)

A legislação de reforma agrária foi estendida com a ordem de *laga skifte* em 1827, que determinou um novo e mais amplo fracionamento de fazendas fiscais e terrenos não cultivados, e a redistribuição promovida foi responsável pelo desenvolvimento de pequenas unidades agrícolas durante todo o século XIX (MAGNUSSON, 2000).

Para Magnusson (2000), apesar dos efeitos da reforma serem difíceis de averiguar, é admissível que ela tenha criado unidades de produção mais eficientes, uma vez que garantiu direitos de propriedades a camponeses, permitindo a eles o direito de decidir qual seria a melhor destinação para suas terras, e indiretamente estimulou a recuperação de terras improdutivas.

Até a metade do século XIX, os investimentos agrícolas se resumiram a recuperações de terras e novas técnicas de irrigação. Só posteriormente inovações como o arado de ferro se tornaram populares, e este somente se difundiu após se tornar menos pesado, mais confiável e mais barato, o que foi induzido pela recuperação da produção nacional de arados no início do período. Os novos equipamentos intensificaram a utilização do solo, melhorando as colheitas (HECKSCHER, 1954).

No período houve uma busca generalizada por novas tecnologias para agricultura, incentivada e divulgada pela Academia Real de Ciências, visando à modernização do setor. O fruto desse esforço foi o aumento do emprego de máquinas na plantação e colheita, além da ampla utilização de fertilizantes. Além disso, o pousio foi eliminado com a introdução das batatas cultivadas nessas lacunas, que passaram a completar a rotação de culturas, além de também representar uma verdadeira revolução na dieta do camponês por conter uma quanti-

dade significativa de carboidratos e ser simultaneamente de baixo custo. (OLSSON e SVENSSON, 2010)

Segundo Magnusson (2000), o campesinato ainda se beneficiou da desistência do Estado sueco de seus sonhos de se tornar um grande império, pois assim não precisaria “financiar uma máquina de guerra”. Desta maneira, a carga de impostos foi gradualmente reduzida, em simultâneo com o aumento agregado dos preços agrícolas entre 1732 e 1775 e com uma série de boas safras no fim do século XVIII (MAGNUSSON, 2000, p. 22). O principal resultado deste processo foi o incremento do excedente agrícola, o qual pode ser direcionado para novos investimentos no setor. Isto posto, o superávit da agricultura gerou um fomento à produção e a longo prazo incentivou a expansão do mercado interno.

Outro ponto a ser considerado é o aumento da demanda externa em torno de 1850. Devido a mudanças no mercado inglês, que passou a importar um montante relevante da produção de aveia sueca, chegando a representar 90% das exportações deste (SÖDERSTEN, 1990, p. 30).

Ou seja, no decorrer do século XVIII a Suécia passou de importador de cereais a exportador líquido de produtos agrícolas, principalmente para a Inglaterra e outros países do mar Báltico. No entanto, o ciclo dos grãos suecos foi relativamente curto, com o progresso de métodos agrícolas e o barateamento do transporte marítimo, novos concorrentes surgiram e o país teve que recorrer a medidas protecionistas em 1888 (SÖDERSTEN, 1990).

Todavia, a revolução agrária foi um pré-requisito para a próxima etapa do desenvolvimento socioeconômico que começou no século XVIII, como foi em toda Europa Ocidental.

1.1.2 A época das exportações de matérias-primas

O início do crescimento sustentado sueco costuma ser datado a partir de 1870 (SÖDERSTEN, 1990). Nesse período, o comércio exterior era considerado o motor da economia nacional e sua pauta de exportação era composta, basicamente, por matérias primas, com destaque para produtos derivados do ferro e da madeira.

O domínio das exportações agrícolas chegaria ao fim com a propagação dos barcos a vapor, que baratearam o comércio de grãos provenientes da Rússia e das Américas. A reação sueca foi direcionar sua produção para mercadorias de origem animal, com proeminência para

os laticínios, leite e manteiga. Esta última, em seu auge, chegou a consistir em 15% do total de exportações (SÖDERSTEN, 1990, p. 33). Para Södersten (1990) a proximidade do mercado inglês foi decisiva para o sucesso de tal empreitada.

Por sua vez, a demanda pelo ferro sueco apresentaria um forte incentivo com a ascensão do processo capitalista de produção (Heckscher, 1954). No entanto, apesar das reservas de minério de ferro serem maiores do que a necessidade da indústria sueca da época, a escassez de carvão mineral representava um entrave para a produção local. A solução encontrada foi a adoção do método de Lancashire, importado da Inglaterra. Entretanto, alterações foram feitas neste para reduzir o consumo de carvão mineral e aumentar a eficiência do processamento do minério de ferro a fim de adaptá-lo às necessidades suecas. Desta maneira, o ferro sueco de alta qualidade tornou-se acessível, com preços competitivos e economizando combustível mineral (HECKSCHER, 1954). Igualmente importantes foram as habilidades herdadas das antigas oficinas de metalurgia, tradicionais no país.

O período seguinte entre 1870 e a Primeira Guerra Mundial incorporou mudanças mais significativas no setor, com destaque para uma intensa concentração das unidades pré-industriais em grandes empresas, devido à necessidade crescente de capital e à introdução de novos processos siderúrgicos. Contudo, esses novos procedimentos possibilitaram a utilização de minérios de qualidade inferior, aumentando, assim, a concorrência internacional para o ferro e o aço sueco (HOUPPT, 2007).

A intensificação da concorrência reivindicou padrões mais elevados e adaptativos das habilidades técnicas. A Suécia conseguiria manter seu mercado enquanto garantisse um controle de qualidade de seus produtos, e seus clientes se conservassem relutantes em aceitar os novos substitutos. A consequência foi um estímulo à racionalização: em 1909, uma nova onda de concentração, falência das unidades ineficientes e ultrapassadas, e um incentivo à economia dos fatores de produção. Em 1920 a indústria já se encontraria reformada com melhorias tecnológicas e seus produtos diversificados (HOUPPT, 2007).

Outro setor importante para o crescimento das exportações suecas foi o setor madeireiro, entretanto, ele só ganharia destaque depois de 1850, quando o Ato de Navegação inglês foi abolido e as florestas norueguesas se encontravam superexploradas (HECKSCHER, 1954). Nesse aspecto, outro fator a ser ponderado trata-se da reforma agrária, que concedeu direitos de propriedade privados em áreas florestais, e assim a produção pode responder rapidamente à

demanda crescente inglesa sem suas antigas barreiras. Além disso, as serrarias norueguesas, cujo potencial técnico era superior ao sueco, se transferiram para o país em busca de novas fontes de suprimentos florestais. Após duas décadas a madeira representava 43% do total de exportações. A construção da rede ferroviária teve também grande impacto na indústria, pois ao reduzir os custos de transporte e superar as limitações das vias aquáticas, permitiu seu estabelecimento por todo território (BLOMSTRÖM e KOKKO, 2002).

No entanto, a partir de 1860, com o crescimento da indústria de papel e celulose, as serrarias foram obrigadas a competir por matéria-prima. As empresas de celulose possuíam grande escala e propriedades maiores em regiões de floresta, e as serrarias se encontraram em desvantagem evidente (BLOMSTRÖM e KOKKO, 2002).

Assim, após a eclosão da indústria florestal, em 1903, foi criada uma legislação para a proteção dos bosques suecos, com garantias de replantio, uma extração proporcional ao estoque e a limitação das propriedades privadas nessas regiões (BLOMSTRÖM e KOKKO, 2002, p. 15 - 17).

Durante a instabilidade do período conhecido como Entre Guerras, a indústria florestal passou por uma reestruturação, o papel e a celulose assumiram a liderança dada a queda de produtividade das serrarias. Assim, ocorreu uma drástica concentração, com a integração das distintas operações em uma única empresa florestal, trabalhando com papel, celulose e madeira. A estabilidade só retornaria em 1960 com o aumento da produtividade resultante da mecanização e racionalização das operações (BLOMSTRÖM e KOKKO, 2002).

A despeito de ser a última a se desenvolver, o crescimento das indústrias de papel e celulose, apesar de gradual, foi significativo, chegando a figurar entre as exportações mais importantes da Suécia nos séculos XIX e XX, representando 12% da exportação global de papel e celulose em 1990 (BLOMSTRÖM e KOKKO, 2002, p. 20).

O resultado positivo da exportação sueca seria reforçado por pelo menos dois fatores significativos. Primeiramente, pelo menos até a virada do século XIX, a Suécia tinha poucos concorrentes na exportação de seus bens estratégicos, além de apresentar uma infra-estrutura eficiente e um governo explicitamente favorável ao setor exportador. Em segundo lugar, o aumento relativo dos preços de produtos da pauta de exportação sueca, também favoreceu seu crescimento, houve uma clara melhoria em seus termos de troca, na segunda metade do século

XIX. Em contraste marcante com a maior parte do século XX, os preços das matérias-primas, como madeira, ferro e minério subiam mais rapidamente do que o preço de muitos produtos acabados. Ou seja, a Suécia teve a sorte de se encontrar em um ambiente internacional extremamente favorável para o país (MAGNUSSON, 2000, p. 110).

1.1.3 Protoindústria

A instituição de protoindústrias, espécie de fábrica primitiva com métodos de produção basicamente artesanais, embora não tenha sido alvo da interferência direta do Estado sueco, serviu como mais um avanço no caminho da industrialização de fato. Sendo anterior ao século XIX, atendia à demanda interna, principalmente com roupas, utensílios domésticos e equipamentos de defesa.

Sua origem mais provável está na tradicional produção artesanal familiar realizada na zona rural durante os longos invernos nórdicos, pois a maior parte dos utensílios empregados nas fazendas era de sua própria manufatura. Porém, com o aumento da demanda devido à revolução agrícola e ao crescimento da população, essa atividade tornou-se mais especializada e permanente em algumas aldeias (BAKER, 2011). A crescente divisão de trabalho geraria excedente suficiente para impulsionar a difusão das habilidades comerciais e a expansão de uma economia de mercado simples (BLOMSTRÖM e KOKKO, 2002).

A protoindústria fez inúmeras contribuições para a contínua expansão da indústria no final do século XIX, colaborando com a formação de trabalhadores ‘semiqualeificados’, cujo papel seria estratégico no crescimento vindouro de alguns setores, como o da engenharia, e com esforços para consolidar um sistema bancário comercial ainda em meados do século XIX, o qual viria a ser o principal financiador das indústrias de engenharia. Um exemplo é o Banco de Estocolmo, organizado por Oscar Andre Wallenberg em 1856 e encorajado pela rápida propagação das protoindústrias (MAGNUSSON, 2000).

O crescimento acelerado da demanda doméstica, devido à prosperidade do setor de exportação superou os limites da antiga capacidade de produção, promovendo uma mudança organizacional que prepararia o caminho para uma ‘expansão industrial explosiva’ nas décadas seguintes (MAGNUSSON, 2000).

1.2 Estado, protecionismo e livre mercado

Durante o século XVIII, o Riksdag, parlamento sueco, chegou ao seguinte entendimento: o Estado, cujo objetivo fosse limitado à promoção de seus próprios interesses via dirigismo fiscal, poderia facilmente trabalhar contra a si mesmo, e seus benefícios seriam maximizados somente por melhorias na economia nacional (MAGNUSSON, 2000). Por essa razão, o Estado sueco manteve-se participativo durante todo o desenvolvimento econômico nacional, e políticas liberais mais incisivas não foram adotadas pelos formuladores de política do país até a metade do século XIX.

O principal representante do liberalismo econômico na Suécia foi seu ministro de finanças Johan August Gripenstedt¹. Incentivador das reformas liberais, só conseguiria apoio do Riksdag à medida que o Tratado Internacional de Livre Comércio, formulado em 1860 pela França e Inglaterra, conquistasse a Europa. A Suécia se tornaria signatária deste em 1865, sinalizando o início da fase liberal do país (HECKSCHER, 1954)

Por outro lado, apesar de promover o liberalismo econômico, Gripenstedt não hesitava em afirmar a importância do Estado no desenvolvimento econômico.

“In a speech to the House of Nobility (*Riddarhuset*) in 1853, he stated very firmly that in society ‘there were some duties which, due to their nature, never can nor should be separated from government’. What is interesting about this statement is that it was made at the time when Gripenstedt was most deeply committed to promoting free trade.” (MAGNUSSON, 2000, p. 78)

Fato explícito em sua participação no debate sobre a malha ferroviária sueca, Gripenstedt foi o maior defensor da participação do Estado na ampliação da infraestrutura ferroviária nacional: o Estado deveria se responsabilizar pela extensão das linhas principais e o setor privado deveria ser incumbido de construir apenas os ramais secundários (MAGNUSSON, 2000).

Ou seja, na prática, o sistema liberal sueco foi bastante pragmático e soube reconhecer as forças de mercado e as responsabilidades governamentais (MAGNUSSON, 2000). Uma vez que, apesar de pregar a livre iniciativa, reconhecia as limitações desta e a vantagem da atuação do Estado em alguns setores, como no próprio caso das ferrovias, as primeiras linhas instaladas pertenciam à propriedade privada, mas passaram para o controle público ao apresentar uma restrita capacidade de financiamento.

¹ Gripenstedt acreditava que o liberalismo era uma condição para o progresso da humanidade. Em sua homenagem, as reformas liberais da época são conhecidas como Sistema Gripenstedt

Entretanto, o liberalismo apresentaria uma curta duração na Suécia, menos de duas décadas, pois, já na década de 1880, por causa da nova concorrência norte-americana e russa, as tarifas se elevaram para proteger o setor agrícola (CHANG, 2003). A partir de 1890, a proteção tarifária e os subsídios foram redirecionados para a indústria e para o setor de engenharia. Como pode ser visto na Tabela I.1, a Suécia possuía um dos maiores graus de proteção à indústria da Europa Continental na virada do século.

Tabela I.1 – Taxa tarifária média dos produtos manufaturados em países selecionados nos anos de 1875 e 1913

| | 1875 | 1913 |
|-----------------|-------|-------|
| Áustria-Hungria | 15-20 | 18-20 |
| Bélgica | 9-10 | 9 |
| Dinamarca | 15-20 | 14 |
| França | 12-15 | 20-21 |
| Alemanha | 4-6 | 13 |
| Itália | 8-10 | 18-20 |
| Espanha | 15-20 | 34-41 |
| Suécia | 3-5 | 20-25 |
| Suíça | 4-6 | 8-9 |
| Holanda | 3-5 | 4 |

Fonte: Bairoch e Kozul-Wright, 1996, p. 8

O princípio orientador da proteção tarifária de 1890 em diante foi o sistema de tarifa solidária, inspirado do sistema alemão de Bismark. A ideia era que a proteção deveria ser concedida aos produtos nacionais que competissem com as importações, mas sem causar prejuízos aos outros setores da economia, pois o interesse geral deveria prevalecer sob o particular. Se a tarifa fosse elevada a ponto de penalizar indevidamente outros produtores, ela deveria ser revogada. Além disso, geralmente os bens de consumo eram mais protegidos do que os bens de capital e os insumos industriais eram isentos de impostos. As tarifas variavam dependendo das condições de concorrência das empresas nacionais no mercado doméstico: quando este estivesse dominado por elas, a proteção era diminuída (BOHLIN, 2005).

No fim do século XIX, a proteção tarifária e a concessão de subsídios foram combinadas com o apoio do governo ao *catch-up* tecnológico. Neste período se encontraria o marco inicial da forte tradição sueca de parcerias público-privada, onde o Estado se comprometeria com os elevados custos fixos iniciais, como no caso do desenvolvimento ferroviário, anteriormente mencionado. Métodos semelhantes seriam também aplicados em outros setores de infraestrutura: a telegrafia e a telefonia, na década de 1880, e a energia hidrelétrica na década

de 1890 (CHANG, 2003). Do mesmo modo, o Estado atuaria em prol do incremento do capital humano interno, para que esta acompanhasse a evolução tecnológica, fato que será analisado na seção seguinte.

1.3 Educação e Capital humano

Assim como a agricultura, a educação foi alvo de políticas explícitas do Estado, estimulando tanto a educação formal quanto a informal e alguns institutos privados de fomento à pesquisa.

A alfabetização já era elevada antes da industrialização na Escandinávia, e sua origem estava na tradição do ensino doméstico para fins religiosos, com a leitura da bíblia pelos protestantes suecos. A educação formal só foi se ampliar com a lei da educação obrigatória de 1842, que estabeleceu a criação de pelo menos uma escola primária em cada área paroquial, introduzindo assim a educação em massa. Em 1870, o ensino obrigatório foi estendido de quatro para seis anos, e a parcela do PIB destinada a gastos com educação foi ampliada. O objetivo oficial era garantir uma capacidade básica para leitura, escrita e matemática para facilitar a divulgação de novas tecnologias (LJUNGBER, 2002).

No topo da pirâmide da educação formal se encontravam as universidades de Uppsala e Lund, remanescentes dos séculos XV e XVII, que se expandiram durante dos séculos XIX, com todo o foco direcionado para as ciências naturais. Na primeira metade do século XIX foram criadas instituições de formação técnica, como o Instituto Tecnológico de Estocolmo em 1826 e a Técnica de Chalmers em 1829. (BLOMSTRÖM e KOKKO, 2002).

Com o sistema de guildas abolido em 1846, as escolas técnicas passaram a ser a principal fonte de formação profissional e assim a segunda metade do século XIX marcou a expansão da educação profissional. Essas escolas técnicas juntamente com as universidades foram a pedra angular na criação de novas tecnologias. O número de trabalhadores qualificados aumentou constantemente a partir de 1850. Em 40 anos a quantidade de engenheiros formados quase quadruplicou. A Tabela I.2 a seguir demonstra esta evolução.

Tabela I.2 - Número de escolas técnicas secundárias, e estudantes, e a população sueca, 1890-1910 (Crescimento percentual)

| | Número de escolas | Número de alunos | População |
|---------|-------------------|------------------|----------------|
| 1890-91 | 28 | 4800 | 4 784 981 |
| 1895-96 | 32 | 5300 (10%) | 4 919 260 (3%) |
| 1900-01 | 41 | 7500 (42%) | 5 136 441 (4%) |
| 1905-06 | 54 | 9500 (27%) | 5 294 885 (3%) |
| 1909-10 | 68 | 10800 (14%) | 5 476 441 (3%) |

Fonte: Andersson, 2010, p. 11

Fundadores e líderes de empresas suecas bem-sucedidas foram educados nestas instituições como Gustav Laval, fundador da *AB Separator* futura *Alfa-Laval*, que foi educado no Instituto Tecnológico de Estocolmo, e Sven Winquist, fundador da SKF, educado no colégio técnico de Örebro. Mas também houve treinamento estrangeiro, financiado pelo Estado ou por instituições privadas de pesquisa. Engenheiros suecos foram frequentemente treinados na Inglaterra e Alemanha como Lars Magnus Ericsson, que recebeu subsídios do Estado para estudar a indústria de engenharia elétrica alemã, além fato do próprio Estado sueco incentivar a imigração de profissionais desses países para seu território, de forma que importantes contribuições para a tecnologia sueca foram feitas por engenheiros britânicos (BAKER, 2011).

Paralelamente, o período presenciou a formação de institutos que estariam a seguir envolvidos no desenvolvimento da indústria, como a Real Academia de Ciências de 1739 e a Associação de Produtores de ferro de 1747, ambas responsáveis pela difusão de novas tecnologias (BLOMSTRÖM e KOKKO, 2002).

Assim, é possível destacar uma interligação entre empreendedores, instituições técnicas, indústria e o Estado sueco, de vital importância para o progresso e especialização da economia sueca a partir de 1880. A qualificação dos trabalhadores é usualmente tida como uma vantagem comparativa para Suécia em todo seu desenvolvimento.

1.4 Sistema Financeiro

Comerciantes e casas comerciais possuíram um papel de destaque na primeira fase da expansão econômica sueca, proporcionando financiamento para agricultura e protoindústrias antes do desenvolvimento do sistema bancário, no entanto, sua importância decairia durante o século XIX, com o fortalecimento deste setor (MAGNUSSON, 2000).

Em 1824, foi concedido pelo Riksdag o direito de estabelecer bancos comerciais como parte do direito mais amplo de conduzir negócios privados (ÖGREN, 2010). Entretanto, em 1840, o Riksbank, banco subordinado ao parlamento sueco, ainda possuía participação no sistema de crédito nacional três vezes maior que todos os bancos comerciais privados juntos (HANSSON e JONUNG, 1997, p. 6).

O crescimento da participação dos bancos comerciais no sistema sueco de crédito se aceleraria com a lei bancária de 1864, que aboliria a regulação de uma taxa máxima de juros, revogação da lei da usura, e liberaria o estabelecimento permanente de bancos privados (anteriormente os alvarás emitidos possuíam validade de 10 anos somente). A proliferação dos bancos comerciais fica evidente com a análise da Tabela I.3

| | 1860 | 1870 | 1880 | 1890 | 1900 | 1910 |
|----------------------------------|------|------|------|------|------|------|
| Depósitos | 2 | 8 | 19 | 24 | 35 | 46 |
| Empréstimos | 5 | 11 | 21 | 31 | 46 | 65 |
| <i>Nº</i> | | | | | | |
| Bancos Comerciais | 30 | 36 | 44 | 43 | 67 | 80 |
| Agências | 50 | 136 | 205 | 190 | 269 | 625 |
| Fonte: Fälting et al.,2007, p. 4 | | | | | | |

A partir da segunda metade do século XIX, praticamente cada polo de expansão industrial tinha seu próprio banco comercial privado. Os bancos financiavam as indústrias típicas de cada região e compartilhavam suas flutuações, e assim trabalhavam canalizando ganhos comerciais em novos investimentos. O Banco industrial mais importante do período seria o Stockholms Enskilda Bank, fundado por A. C. Wallenberg, em 1856, era principal responsável pelo financiamento da indústria da madeira de Estocolmo. (SÖDERSTEN,1990)

Por sua vez, o Riksbank passou a atuar como um Banco Central moderno a partir de 1902, ganhando o monopólio de emissão de moeda e tornando-se o prestador de última instância do sistema financeiro sueco (HANSSON e JONUNG, 1997), e desempenhou um papel vital na gestão do sistema financeiro nacional para assegurar, entre outras coisas, a liquidez e solvência dos bancos, além da oferta de recursos financeiros; para isso, padronizou as regras bancárias (ADAMS *et al.*, 2005).

Já o mercado de seguros surgiu em 1855, com a formação da Skandia (Sociedade anônima de seguros), sendo contemporâneo em relação ao desenvolvimento de uma rede privada nacional de bancos comerciais e de poupança. Assim como a Inglaterra, o Estado não participava diretamente do mercado de seguros nacional: agia como um regulador, criando um sistema de legislação e regulamentos concebidos, principalmente, para proteger os consumidores contra a insolvência das empresas (ADAMS *et al.*, 2005).

Ou seja, em meados do século XIX o sistema financeiro doméstico era mais sofisticado que o sistema industrial produtivo, dado que sistema bancário já se encontrava estabilizado e o Riksbank atuava como um banco central moderno, o que estimulou o crescimento econômico, pois garantiu a oferta de capitais e a proteção contra os riscos da industrialização (ADAMS *et al.*, 2005, p.12).

1.5 Transformação industrial

A industrialização foi um processo gradual, desencadeado pelo aumento da demanda externa por matérias primas de origem sueca, principalmente, a partir de 1850. O desenvolvimento contínuo foi impulsionado por inovações técnicas e importantes mudanças institucionais e estruturais.

“In the case of Sweden, however, it seems reasonable to use the term ‘industrial transformation’ to define the period from the mid-nineteenth century until the First World War. Here, we can establish with certainty both an accelerating average growth rate, a substantial increase in the industrial sector’s share of the economy, and important organizational changes in the industrial sector.” (MAGNUSSON, 2000)

A exportação era a parte mais significativa do agregado industrial na segunda metade do século XIX, visto que a Suécia não possuía competidores consideráveis para seus bens essenciais e era bem integrada com os países do oeste europeu, devido à proximidade estratégica com as principais rotas comerciais.

Ademais, o desenvolvimento da Suécia até 1870 foi em grande parte um ajuste a eventos externos, com uma pequena expansão econômica independente (MAGNUSSON, 2000). Desta forma, é necessário reconhecer a pertinência do cenário internacional, extremamente favorável à industrialização do país na época do ocorrido. O mercado doméstico só ganharia destaque depois de 1890 (BOHLIN, 2007).

O estímulo inicial foi concedido pelo crescimento acelerado na venda de matérias primas simples para os países em processo de industrialização, os quais apresentavam demandas crescentes para suprir seus mercados internos, e pelo aumento mais do que proporcional do preço destas em relação ao preço de vários produtos acabados. Além disso, como já citado, o comércio exterior serviu como fonte de financiamento no primórdio da expansão industrial.

Ao longo dos próximos séculos, a exportação permaneceria como um dos principais determinantes da economia da região. Contudo, seus produtos passariam por um beneficiamento de seus valores agregados.

As Tabelas I.4 e I.5 a seguir ilustram a participação dos principais setores da economia ao longo do tempo e o aprimoramento da produção.

| | 1881-1885 (%) | 1911-1913 (%) |
|------------------------|---------------|---------------|
| Madeira serrada | 40 | 26 |
| Ferro e aço | 16 | 9 |
| Cereais | 12 | 1 |
| Manteiga | 6 | 6 |
| Papel e celulose | 5 | 18 |
| Produtos de engenharia | 3 | 11 |
| Minério de Ferro | - | 8 |
| Outro | 18 | 21 |
| Total | 100 | 100 |

Fonte: BLOMSTRÖM e KOKKO, 2002, p. 10

| Setor | 1861-90 | 1891-1915 | 1921-40 |
|-------------------------------|---------|-----------|---------|
| Agricultura | 1,7 | 1,8 | 1,1 |
| Indústria e artesanato | 2,7 | 6,1 | 5,4 |
| Construção | 2,9 | 3,3 | 3,6 |
| Comunicações | 6,2 | 4,8 | 3,8 |
| Comércio | 2,3 | 3,6 | 2,7 |
| Serviços públicos | 3,4 | 2,9 | 3,6 |
| Habitação | 1,4 | 2,1 | 2,8 |
| Produto interno bruto | 2,3 | 3,6 | 3,5 |

Fonte: MAGNUSSON, 2000, p. 107

A partir de 1870, a relevância do mercado doméstico começou a aumentar gradualmente. Primeiramente, a intervenção do Estado via política de desenvolvimento da infraestrutura nacional aumentou a demanda por produtos da indústria local de engenharia, incrementou a renda dos trabalhadores e, simultaneamente, diminuiu os custos de transporte. A introdução

da energia elétrica também merece destaque, uma vez que possibilitou a especialização e o ‘deslocamento’ da produção por todo território nacional, já que as indústrias não estavam mais limitadas localmente por sua fonte de energia, fosse carvão ou hidráulica. De modo igual se privilegiou do aumento da renda interna gerada pelo setor de exportação, o qual gerou um incremento na demanda local por bens de consumo e de capital (BLOMSTRÖM e KOKKO, 2002).

As novas indústrias do setor de engenharia foram o centro da transformação, frequentemente, baseadas em invenções suecas ou em melhorias de inovações estrangeiras, colocaram a Suécia na fronteira tecnológica. Até a virada do século empresas pioneiras como Ericsson, Alfa Laval, ASEA, AGA, Nobel e SKF foram instituídas, todas associadas com inovações ou inovadores suecos como Dalén, Wenström, Ericsson, de Laval e Wingquist. (SCHÖN, 2007)

As empresas locais tiveram que investir em novos produtos de alta qualidade para poder competir com os países industrializados e ganhar uma posição estratégica no mercado europeu. No entanto, os suecos apresentaram uma destreza notável na criação, adaptação e difusão de novas tecnologias (GUSTAVSON, 1986).

Conclusão

Em resumo, a Suécia se favoreceu com as mudanças da política econômica internacional. Em um primeiro estágio, o liberalismo e sua defesa pelo livre comércio se sustentaram durante o boom de exportações sueco, o que não só facilitou a livre transação de suas mercadorias, mas também permitiu o acesso aos bens de capital dos países industrialmente mais avançados.

Posteriormente, essa posição foi substituída pelo protecionismo, com importações restringidas, a uma tarifa alfandegária média que se aproximava a 15% do valor adicionado, e com o bloqueio à propriedade estrangeira sobre os recursos nacionais, a produção foi redirecionada para o mercado interno. Neste ínterim, as habilidades técnicas foram aprimoradas em um princípio de substituição de importações.

Contudo, apenas em 1870 o hiato tecnológico começou a diminuir. Naquele momento, o intervalo entre a invenção original e sua segunda versão adaptada às necessidades suecas foi se reduzindo. É preciso frisar que as mudanças tecnológicas trouxeram muitos benefícios à

Suécia em razão de sua grande sazonalidade climática, que não permitiria o livre avanço no ramo agrícola. Foi neste ciclo que a economia e, principalmente, a indústria de engenharia se expandiram progressivamente, ganhando escala e concentrando trabalhadores. As exportações do setor cresceram a partir de 1890 (GUSTAVSON, 1986).

Tiveram importância os impulsos técnicos e as importações de *know how* do exterior. Com o passar do tempo, foi se estabelecendo uma tradição industrial relativamente forte, especialmente na área da inovação. Uma das características marcantes do desenvolvimento sueco foi a simbiose entre o impulso externo e as habilidades e capacidades internas (SÖDERSTEN, 1990).

O espírito inovador sueco foi ‘reforçado’ pelas características típicas da região, a qual no início do século XX ainda possuía uma das menores densidades populacionais da Europa. A escassez de trabalhadores encorajou a inovação como uma forma de compensar a escassez de mão de obra. Além disso, causou a conscientização que o abuso dos trabalhadores geraria um prejuízo à produção no longo prazo, e a quantidade limitada de mão de obra interna concedeu uma posição de barganha melhor aos camponeses e operários. Esta seria uma das possíveis origens da igualdade pertinente às negociações trabalhistas na cultura sueca com o passar do tempo (BAKER, 2011).

Com o início do século XX, a Suécia começou a exportar os resultados de investimento em uma tecnologia própria, aumentando a lucratividade de suas transações comerciais e determinando uma nova posição na economia internacional.

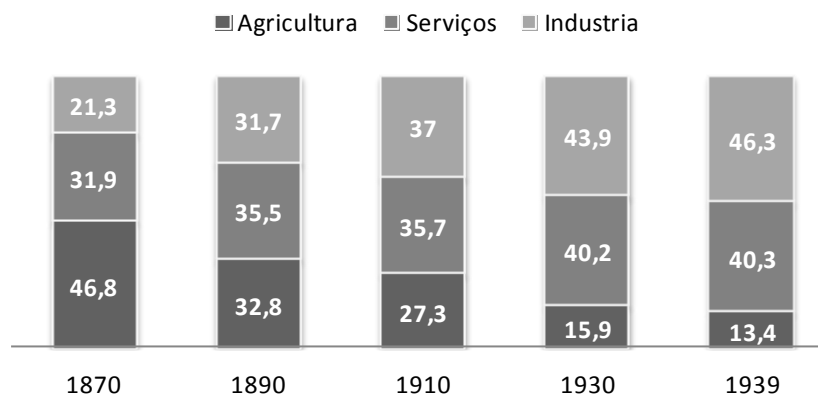
Outro ponto a ser considerado trata-se da influência dos modelos estrangeiros na Suécia. No século XVIII foram instigados pelos fisiocratas franceses a dedicar-se à agricultura. Em seguida, a industrialização inglesa chamou a atenção dos suecos. Na segunda metade do século XIX a influência foi alemã, com o fortalecimento dos ideais nacionalistas e um maior interesse na indústria química. O século XX trouxe o modelo de produção em massa norte-americano (GUSTAVSON, 1986).

Por outro lado, Schön (2008) afirma que o rápido crescimento sueco teve origem na mudança dos preços relativos de capital e trabalho, suscitado pela forte emigração e pelos novos investimentos de capital. Deste modo, o crescimento dos salários ultrapassou o do produto interno, ocasionando um incremento no mercado interno e uma maior demanda por má-

quinas. Consequentemente, a rentabilidade cresceu para os setores concentrados em competências técnicas, o que pressionou a transformação industrial.

O período de 1870 até o estopim da Segunda Guerra Mundial foi decisivo para a industrialização Sueca, nele o país apresentou um crescimento per capita médio de 2%, média acima de qualquer outra experiência europeia desta data. Também foi neste íterim a participação do setor industrial no PIB se sobrepôs a da agricultura, como pode ser visualizado no Gráfico I.1 a seguir.

Gráfico I.1 - Participação do PIB a preços correntes – 1870 a 1939



Fonte: adaptado de SCHÖN (2007)

Desta forma, o próximo capítulo abordará o período de racionalização² da indústria sueca, que aconteceu concomitantemente a época mais próspera do sistema capitalista e da revolução no padrão de vida do operariado, entre o final da Segunda Guerra Mundial e o início da década de 1970.

² Quando, verifica-se o aumento da concentração de recursos nas unidades mais produtivas, e uma crescente busca por uma maior eficiência na produção (SCHÖN, 2007).

CAPÍTULO II – RACIONALIZAÇÃO E PLENO EMPREGO

Introdução

O ciclo entre o final de 1940 e o início de 1970, conhecido como ‘anos dourados do capitalismo’ (HOBSBAWM, 1995, p.17), compreendeu uma fase de intensa prosperidade da economia mundial, sem precedentes no sistema capitalista, proporcionando uma drástica redução do desemprego e uma verdadeira revolução no padrão de vida.

Este, também, foi o período da racionalização das inovações da Segunda Revolução Industrial, a produtividade e eficiência das indústrias aceleraram de forma notável.

Assim, neste capítulo serão abordadas os destaques da economia sueca durante este período. A primeira parte se concentrará no desempenho sueco, enquanto que a segunda analisará os principais instrumentos de sua política econômica, que impulsionaram a racionalização da indústria sueca e asseguraram o pleno emprego durante estas três décadas.

II.1 A Época de Ouro do Capitalismo

Nesta fase do capitalismo em que a economia sueca ganhou destaque no mundo ocidental, a taxa de crescimento da Suécia foi aproximadamente a mesma da OCDE - excluindo o Japão - para o período. Contudo, sua taxa de crescimento per capita foi mais expressiva no mesmo intervalo, de 3,3 % em comparação a 2,9 % ao ano (LINDBECK, 1968, p.3).

Isto ocorria pelo contexto favorável em que o país se encontrava, pois sua capacidade de produção tinha sido preservada pela política externa neutra durante as duas grandes guerras, e pela reconstrução europeia, financiada pelo Plano Marshall, assegurando uma demanda consistente para a indústria sueca de exportação, especializada em matérias-primas, produtos semi-acabados e bens de investimento (ERIXON, 2008, p.4).

Além disso, a liberalização do comércio internacional através de acordos como o GATT em 1947, concedeu-lhe um grande incentivo, as exportações se mantiveram, em média, a um nível de 20 por cento do PIB sueco em todo o período (MAGNUSSON, 2000, p. 211). Gradualmente a economia sueca tornou-se menos dependente dos produtos baseados em matérias-primas, os bens mais refinados da indústria de engenharia ganharam importância, tendo a diversificação acrescentado maior valor agregado a sua pauta de exportação (BOHLIN, 1999, p.163).

No entanto, apesar da queda relativa de matérias-primas em suas exportações, elas ainda possuíam uma presença relevante, sendo assim, no final da década de 1960 o perfil de exportação da Suécia era uma combinação de produtos tradicionais, os quais haviam sido exportados desde o início de sua industrialização, e uma série de produtos sofisticados de engenharia (MAGNUSSON, 2000, p. 213), como pode ser observada na tabela II.1.

| | 1946 | 1951 | 1956 | 1961 | 1966 | 1970 | 1973 |
|-------------------------------|------|------|------|------|------|------|------|
| Empresas de engenharia (i) | - | - | - | - | 18,6 | 21,9 | 24,2 |
| Indústrias de Matérias-Primas | 61,8 | 64,4 | 54,8 | 44,8 | 42,3 | 39,5 | 38,1 |

(1) Dados das oito principais empresas suecas do período: Alfa-Laval, ASEA, Atlas Copco, Electrolux, Ericsson, Saab-Scania, SKF, Volvo.
Fonte: ERIXON, 1996, p. 76-78

A elevada taxa de crescimento deste período não só serviu como estímulo aos fluxos comerciais internacionais, mas também proporcionou uma cesta de consumo com produtos de maior valor agregado para o trabalhador médio sueco, e assegurou uma escalada no patamar de consumo interno, o qual cresceu quase 100 % entre 1950 e 1970 (MAGNUSSON, 2000, p. 221). Ao analisar a Tabela II.2 a seguir, pode-se concluir que o consumo privado interno cresceu impulsionado, principalmente, por bens de consumo duráveis e semiduráveis.

| | 1950-1963 | 1963-1975 |
|---------------------------------------|-----------|-----------|
| Bens de consumo duráveis | 5,7 | 5,1 |
| Bens de consumo duráveis semiduráveis | - | 4,5 |
| Bens não duráveis | 2,4 | 2,4 |
| Serviços | 2,6 | 2,6 |

Fonte: MAGNUSSON, 2000, p. 225

Logo, os setores produtivos que atendiam a essa demanda receberam maior estímulo. A partir de 1950 alguns ramos da indústria de engenharia mecânica³ foram particularmente bem-sucedidos, dentre eles a indústria automotiva e de eletrodomésticos⁴ (MAGNUSSON, 2000, p. 209).

³ As empresas nacionais que se tornaram líderes neste período surgiram após a Primeira Guerra, e, geralmente, eram voltadas para a produção em massa de bens de consumo duráveis (ERIXON, 1996, p. 21)

⁴ Destaque para a rápida expansão da Electrolux, companhia que nasceu da fusão das empresas suecas Lux e Elektromekaniska AB em 1919, responsável por avanços significantes no ramo de eletrodomésticos, como o lançamento da primeira versão dos aspiradores e o primeiro refrigerador por absorção do mundo. Por sua vez, o setor de automotores foi dominado por duas empresas, Volvo, criada em 1926, e Saab, criada em 1937. A pri-

Nesta fase, a indústria sueca assumiu em definitivo a posição de guia para a economia nacional, uma vez que os setores agrícola e florestal perderam força, como pode ser observada na Tabela II.3 a seguir, pois a produtividade de ambos apresentou quedas relevantes.

| | 1945-1950 | 1950-1960 | 1960-1965 | 1965-1969 |
|-------------|-----------|-----------|-----------|-----------|
| Agricultura | 3,9 | -1,4 | -0,8 | -0,1 |
| Floresta | 6,1 | 1,9 | 0,9 | 2,9 |
| Indústria | 7,7 | 3,9 | 8,0 | 5,3 |

Fonte: MAGNUSSON, 2000, p. 209

Vários autores assumem que esta transformação teria sido impulsionada pela política econômica sueca no pós-guerra, assunto abordado na próxima seção.

II.2 A Política Econômica e o Programa Rehn-Meidner

Durante o período entre o final da Segunda Guerra Mundial e a primeira crise do petróleo, o principal problema da política econômica sueca foi conseguir a combinação entre estabilidade monetária e pleno emprego (MAGNUSSON, 2000, p. 238).

Entretanto, os problemas de uma economia superaquecida, gerada pelo boom do comércio internacional e pela reconstrução europeia, não eram esperados nos primeiros anos do pós-guerra. Portanto, o governo sustentou uma política econômica anticíclica, em geral, mas com tendência expansionista, e para combater a inflação recorreu a regulamentações e a medidas extraordinárias, como forma de reduzir os incentivos ao investimento. (ERIXON, 2008a)

Ainda assim, esta opção se mostrou pouco eficaz ao problema da estabilidade monetária. Com a pressão inflacionária, o governo teve de agenciar uma série de desvalorizações da coroa e congelamentos salariais. Estes últimos, no entanto, encontraram resistência entre membros da confederação sueca de sindicatos - LO⁵ -, pois acreditavam que uma política de

meira se concentrou na produção de veículos particulares, caminhões e ônibus, e a segunda se envolveu, predominantemente, na produção de aviões. (ERIXON, 1996, p. 16-17)

⁵ Os primeiros sindicatos surgiram na Suécia a partir da década de 1870, com a união das principais organizações de operários, em 1898, foi formada a Confederação sindical Sueca - *Landsorganisationen i Sverige*, LO - (JOHNSTON, 1958, p.213). A presença expressiva da LO, no debate sobre a política econômica está vinculada a sua forte representatividade no mercado de trabalho. A taxa de desemprego foi permanentemente baixa em todo o período evidenciado e a LO representava 77 por cento dos trabalhadores de colarinho azul em 1960, e 86 por cento em 1974. Somado a este fato, os laços estreitos entre a LO o partido social-democrata aumentavam sua participação no meio político e econômico. (ERIXON, 2008, p. 20-21)

contenção salarial enfraqueceria a coesão do movimento trabalhista e a legitimidade dos sindicatos (ERIXON, 2008b, p.6-7).

Como alternativa foi apresentado no Congresso Sindical de 1951 o programa ‘O Movimento Sindical e o Pleno Emprego’, formulado por dois economistas vinculados à LO. Estes dois economistas, Gösta Rehn e Rudolf Meidner elaboraram um modelo baseado em quatro objetivos – manutenção do pleno emprego, baixa inflação, alto crescimento econômico e equidade social (ERIXON, 2008b, p.8).

A política econômica atuaria pelo lado da oferta, e seus principais instrumentos seriam a política salarial solidária e uma política de mercado de trabalho ativa, cujo objetivo central seria a reintegração do trabalhador ao mercado. Estas medidas impulsionariam o progresso técnico e de produtividade na indústria, pois apenas desta forma seria possível conservar o pleno emprego sem gerar um aumento da inflação (ERIXON, 2008a, p.11).

O modelo Rehn-Meidner, como ficou posteriormente conhecido, serviu como um guia para a política econômica sueca entre meados de 1950 e o início de 1970. Desta forma, serão agora analisadas as particularidades da política econômica sueca deste período, sendo elas: os impostos e fundos de investimentos - instrumentos da política fiscal, principal política de estabilização do país nesta época -, os acordos coletivos entre LO e SAF, a política salarial solidária, a política ativa de mercado de trabalho, e a política industrial pós-1968.

II.2.1 Impostos e Fundos de Investimento

Ao almejar uma estabilidade de curto prazo no cenário de economia superaquecida do pós-guerra, o governo Social Democrata recorreu a uma política fiscal anticíclica, principalmente entre 1950 e o início de 1970, com o objetivo de induzir alterações no calendário de investimento privado e, assim, amenizar as oscilações da economia.

Para este fim, inicialmente, aplicou-se impostos sobre a despesa com investimentos, especialmente sobre construção e máquinas, sendo que as taxas seriam reduzidas durante recessões com a intenção de estimular o setor privado, e elevadas em época de intensa atividade econômica. Este sistema foi utilizado durante os *booms* da década de 1950, em 1952-1953 e 1955-1957, com taxas de 10% e 12%, respectivamente, e resultou em uma redução, aproximada, de 15% no investimento planejado (LINDBECK, 1968, p. 40).

No entanto, este tipo de imposto se mostrou politicamente controverso, devido a sua natureza complexa e discricionária (MAGNUSSON, 2000, p.238-239). Como alternativa foi estabelecido o sistema de reserva especial para fundos de investimento na nova legislação em 1955, o qual seria aplicado pela primeira vez durante a recessão de 1958 (TAYLOR,1982, p. 59-60).

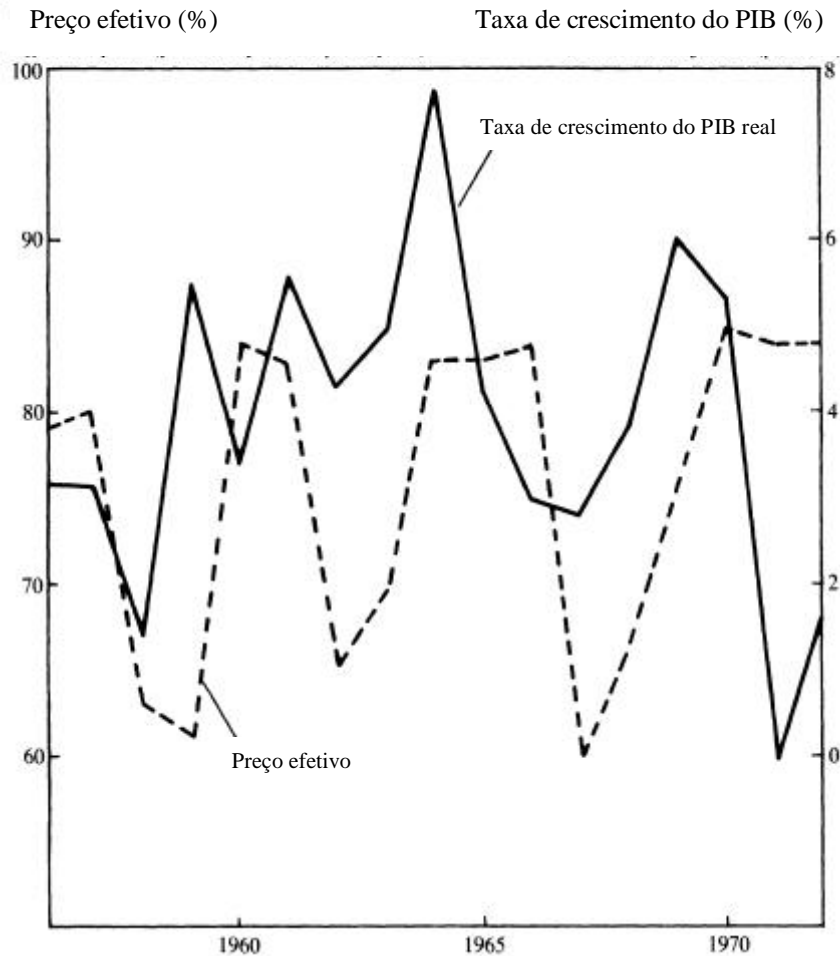
"Moreover, as stressed by Wickman [171, pp. 8-13] and Eliasson [25, pp. 131-35], the easiness of administration of investment funds makes the system very flexible, so that the implementation can be changed rapidly, as new information about the economic situation is obtained. Time lags in the policy can for this reason be kept relatively short. Investment taxes, on the other hand, have to be decided in advance for a certain period, in practice for the whole country and for a whole calendar year". (LINDBECK, 1968, p. 47)

Por este sistema as empresas poderiam transferir até 40% de seus lucros para um fundo de investimento não tributável. Porém, 46% da quantia aplicada, 41% até 1961, seria retida pelo Banco Central em uma conta sem direito a capitalização, e sua liberação estaria condicionada à prévia autorização do governo, ademais, quando o fundo fosse liberado, ainda seria concedido um abono fiscal extra de 10% sob a tributação de bens de investimentos, servindo como uma espécie de subsídio. O restante do valor transferido para o fundo estaria automaticamente disponível para fins de investimento. (LINDBECK, 1968, p. 42-43)

O valor depositado no Banco Central ficaria acessível apenas em épocas de recessão da economia como forma de estimular a atividade industrial. A tentativa era de alterar o *timing* empresas em relação aos seus gastos com novos investimentos, uma vez que, supostamente, esses recursos quando liberados reduziriam, temporariamente, o preço efetivo pago por novos investimentos.

De acordo com Taylor (1982), esse desconto seria uma média ponderada do valor presente das economias fiscais, devido à depreciação, e do subsídio ao investimento disponível no momento em que os fundos estivessem liberados. O efeito anticíclico deste sistema está exposto no Gráfico II.1

Gráfico II.1 - Efeitos cíclicos do Sistema de Fundos de Investimento no Preço Efetivo de Investimentos - 1956-1972



Fonte: TAYLOR, 1982, p.67

Ademais, o fundo de investimento também pode ser visto como uma medida de política industrial.

“The investment fund system was created as an instrument of stabilization policy and is not normally regarded as an industrial policy instrument. By putting the funded money at the discretion of government it could nevertheless be used for industrial purposes”. (BOHLIN, 1999, p.163)

O governo teria o poder de optar pela liberação do fundo de investimento vinculada a um determinado fim, para, assim, estimular algum setor específico da economia⁶. O sistema, indiretamente, também promovia a racionalização da indústria defendida pela política econômica sueca: “The company taxation system was a constructed so that its implicit tax subsidization had the biggest effect on the most prosperous companies, but only if profits were reinvest within the firm.” (BOHLIN, 1999, p.163)

⁶ A partir de 1975, o sistema de fundos de investimento perderia a função anticíclica e passaria a ser utilizado permanentemente para este fim (BOHLIN, 1999).

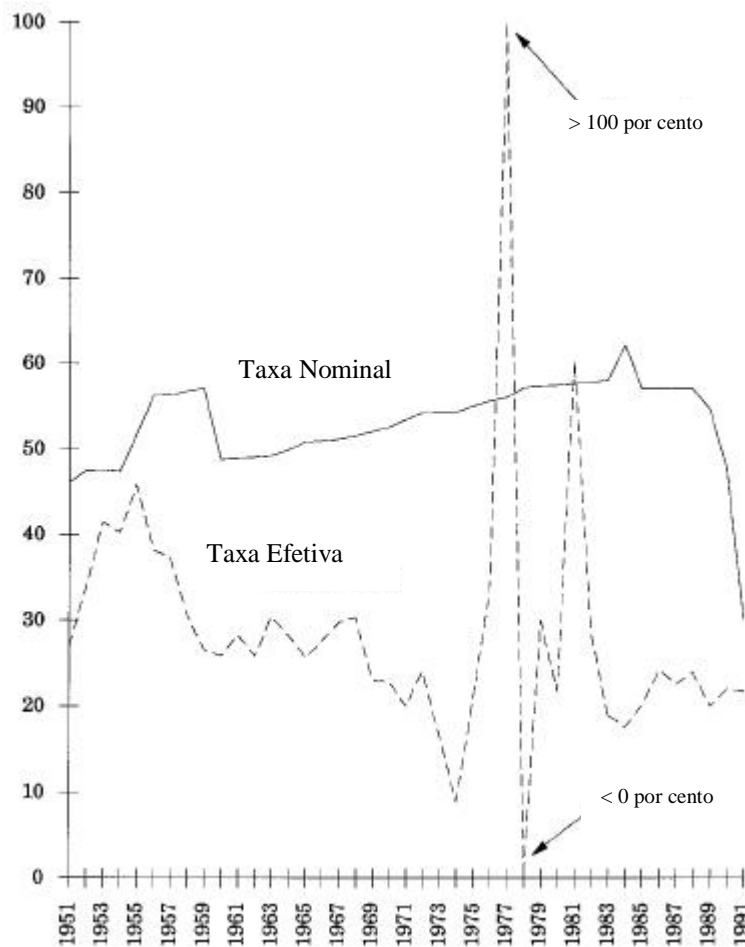
A opção pelo fundo de investimento favorecia empresas com lucros acumulados e histórico de investimentos (LINDBECK, 1968, p. 47). A destinação dos lucros para a conta do Banco Central equivalia a uma redução da taxa de imposto sobre o capital das empresas, influenciando o nível desejado de capital no setor corporativo no longo prazo.

As empresas suecas eram estimuladas a reaplicarem constantemente parte de seus lucros em novos investimentos. Dado que ao pagar 46% de “imposto” ao Banco Central, em vez de 52% para o governo, em 1955, a taxa de imposto efetiva na íntegra seria reduzida para 49,6⁷, mesmo se os recursos do fundo nunca forem usados, incentivando, assim, as empresas a utilizarem o fundo de investimento em seu limite máximo. (TAYLOR, 1982. p. 62)

O Gráfico II.2 explicita a variação entre a taxa nominal de imposto e a taxa efetiva pertinente as empresas participantes do sistema de fundos de investimento. Em destaque a taxa efetiva de imposto superior a 100%, em 1977, devido ao fato de algumas empresas, que pagavam dividendos, terem de contabilizar lucros positivos, mesmo apresentando lucros negativos por causa da crise que afligia o país na época.

⁷ O valor retido pelo Banco Central é contabilizado como se fosse um imposto pago pela parcela do lucro transferida ao fundo de investimento, livre de tributação. Logo, a ‘taxa’ aplicada aos recursos do fundo é consideravelmente menor em relação à taxa nominal empregada aos lucros não transferidos para fundo, reduzindo, assim, o valor total do imposto pago, mesmo se futuramente esses recursos não forem utilizados. Pois, sobre os 40% dos lucros depositados no fundo de investimento passa a incidir uma tarifa de 46%, correspondente a retenção do Banco Central, inferior ao imposto de 52% aplicado no restante dos lucros, ou seja, a taxa efetiva é reduzida de 52% para $(0,4)(46) + (0,6)(52) = 49,6\%$.

Gráfico II.2 - Taxas de imposto nominais e efetivas sobre a indústria sueca - 1951-1991



Nota: dados calculados por Södersten (1984) - *The Taxation of Income from Capital. A Comparative Study of the United States, the United Kingdom, Sweden and West Germany.*

Fonte: DAVIS e HENREKSON, 1997, P. 365

Desta forma, o setor com capital intensivo em máquinas e equipamentos era privilegiado com a redução de sua carga tributária, e estimulado a reinvestir seus lucros internamente, ou seja, a concentração era incentivada. Essa racionalização pode ser observada quando se compara a distribuição sueca do emprego por tamanho de empresa com a do restante da Europa. Em 1986, empresas com pelo menos 500 funcionários eram responsáveis por 60,4% do emprego total na Suécia, em comparação com apenas 30,4% na União Europeia, enquanto empresas com menos de 10 funcionários eram responsáveis por apenas 9,5%, menos da metade da participação de pequenas empresas na União Europeia. (DAVIS e HENREKSON, 1997, 62).

Na próxima seção será analisada mais uma característica da economia sueca, a negociação centralizada no mercado de trabalho, que no longo prazo estimulou a concentração de grandes empresas.

II.2.2 Negociação Centralizada

Os principais agentes do modelo econômico empregado na Suécia do pós-guerra, além do governo, foram a LO e a SAF⁸, Confederação dos Empregadores Suecos. Entretanto, esta conjuntura era bastante diferente no início do século XX.

No início do século XX Suécia era o país com maior número de greves e mais propenso a conflitos trabalhistas da Europa Ocidental (MAGNUSSON, 2000, p.233), ou seja, não havia nenhum indicativo de um futuro compromisso histórico entre trabalho e indústria, característica central da economia sueca no final do século XX. Esta perspectiva só seria alterada após a grande recessão de 1929, com os graves conflitos trabalhistas comprometeriam o desenvolvimento econômico durante quase toda década de 1930, o que, no entanto, serviu para demonstrar a importância de uma maior harmonia no mercado de trabalho para o avanço socioeconômico do país, acrescentando, assim, a ‘paz industrial’ aos objetivos de empregadores, empregados e do governo socialdemocrata (MAGNUSSON, 2006, p.4).

Por isso, o Estado sueco começou a promover o debate pacífico entre as partes do mercado de trabalho, representado por LO e SAF. A consequência desta iniciativa foi a adesão de ambos ao Acordo Saltsjöbaden, em 1938, que previu o processo de negociação centralizada, e serviu como pedra angular para o modelo de mercado de trabalho sueco, onde as mais expressivas organizações nacionais negociariam livremente, sem a intervenção do governo, com a responsabilidade de manter os salários dentro dos limites de equilíbrio macroeconômico (DELSEN e VAN VEEN, 1992, p. 85)

O acordo era considerado vantajoso tanto para SAF, pois, supostamente reduziria o risco de elevações salariais generalizadas, exigidas por sindicatos mais fortes, quanto para LO, uma vez que a negociação centralizada aumentava seu poder de barganha e evitava conflito de interesses entre diferentes sindicatos (MAGNUSSON, 2000, p. 234).

⁸ Estabelecida em 1902, a confederação patronal sueca (*Svenska Arbetsgivareforeningen-SAF*) foi a resposta à formação da LO (JOHNSTON, 1958, p.213), e acabou se transformando na principal organização de empregadores no setor privado, representando cerca de 42 mil empresas, incluindo todas as líderes de mercado, durante as duas primeiras décadas do pós-guerra (DELSEN e VAN VEEN, 1992, p.84).

Durante a década de 1940, vários acordos foram estabelecidos para melhorar as condições dos trabalhadores, e gradativamente ampliar a harmonia no mercado de trabalho. Todavia, a primeira negociação centralizada sobre a questão salarial só ocorreu em 1956. (MAGNUSSON, p. 235)

As negociações resultavam em um quadro de acordos que definia os reajustes dos custos salariais, e todos os custos envolvidos no fator trabalho, como impostos sobre a folha e horas extras (DELSEN e VAN VEEN, 1992, p. 86). Estes acertos eram norteados pelo princípio do salário solidário, tema da próxima seção.

II.2.2 Política Salarial Solidária

Se a prévia organização do mercado de trabalho foi o principal pré-requisito para a política salarial solidária sueca, a harmonia e cooperação entre LO e SAF eram indispensáveis para a sua realização. A necessidade de uma colaboração entre LO e SAF para o estabelecimento de uma política salarial solidária na Suécia se verifica pelo tempo, de quase duas décadas, entre a primeira defesa desse princípio e seu uso efetivo dentro da política econômica sueca.

O conceito de uma política salarial solidária surgiu pela primeira vez em 1938, quando Albin Lind, editor-chefe da revista *Fackföreningsrörelsen* (O Movimento Sindical) propôs que a LO perseguisse uma política salarial baseada na solidariedade, restringindo salários mais elevados em benefício dos menos afortunados (MAGNUSSON, 2000, p. 236).

A proposta, considerada utópica em 1938, foi resgatada por Gösta Rehn e Rudolf Meidner, economistas já mencionados vinculados à LO, em 1951, sendo empregada em uma plataforma maior, que combinaria a manutenção do pleno emprego com combate a inflação.

Neste programa a política salarial solidária teria duas funções: diminuir a desigualdade de renda e promover a reestruturação da economia. Os salários seriam padronizados de acordo com os setores mais eficientes da indústria sueca, não levando em consideração a capacidade de pagamento dos setores menos produtivos da economia. Deste modo, as empresas menos rentáveis seriam incapazes de sustentar o novo salário-padrão, sendo forçadas a reduzir a sua utilização de força de trabalho, ou até sair completamente do negócio. Enquanto isso, as empresas mais rentáveis não seriam obrigadas a atrair trabalho adicional com salários mais altos

e a consequência seria a produção de lucros excedentes, os quais poderiam ser utilizados em novos investimentos e o controle da inflação de custos, causada pelo aumento espiral de salários. Ou seja, o principal resultado esperado da política salarial solidária era o favorecimento dos setores de alta produtividade e intensivos em capital e a desaceleração do crescimento dos salários. (DELSEN e VAN VEEN, 1992, p. 87)

Nesta época o ambiente cooperativo entre LO e SAF já estava consolidado, assim, o princípio conquistou fortes apoiadores nas duas organizações, guiando suas negociações por mais de duas décadas. A fase inicial de sua aplicação pode ser caracterizada pelo nivelamento salarial entre indústria e plantas e se estende de 1956, primeiro acordo abrangente de negociação salarial entre LO e SAF, até o final da década de 1960. A proposta central era trabalhadores com qualificações, riscos e habilidades similares possuírem direito à mesma remuneração, já as diferenças salariais ocasionadas por produtividade e eficiência do empregador deveriam ser eliminadas.

A transformação mais drástica da ideia “salário igual para trabalho igual, salário diferente para trabalho diferente” para “salário igual para todo trabalho” aconteceu em 1969-1970 (HIBBS e LOCKING, 2000, p. 8-9). Entre 1970 e 1983⁹, verificou-se a compressão de salários relativos dentro de indústrias e plantas com queda de 61 por cento da dispersão salarial como pode ser observado na Tabela II. 2.2

| Tabela II.4 – Variação da Dispersão Salarial para Trabalhadores da Indústria Sueca (variação percentual) | | |
|---|-----------|-----------|
| | Fase I | Fase II |
| | 1962-1970 | 1970-1983 |
| Dispersão total | -34% | -61% |
| Dentro Indústrias | -26% | -63% |
| Dentro de Plantas | - | -60% |
| Entre as indústrias | -50% | -58% |
| Entre Plantas | - | -46% |

Fonte: HIBBS e LOCKING, 2000, p. 12

Como contramedida para o desemprego, causado pela contenção dos postos de trabalhadores em setores considerados ineficientes, Rehn e Meidner recomendavam uma política

⁹ A desintegração da negociação centralizada e da Política Salarial Solidária se iniciou em 1983, quando a associação de empregadores dos setores de engenharia e metalurgia (*Verkstadsföreningen*) negociou com seus trabalhadores separadamente (HIBBS e LOCKING, 2000, p.10). Por consequência, a partir de 1985 os acordos entre LO e SAF seriam reconhecidos, somente, como uma referência para o mercado de trabalho sueco.

de mercado de trabalho ativa, que estimulasse a reciclagem do trabalhador e seu deslocamento para empresas mais eficientes (ERIXON, 2008, p.11).

II.2.3 Política do Mercado de Trabalho

Na proposta de Rehn e Meidner, a política de mercado de trabalho ativa (PMTA) seria o instrumento para se alcançar o pleno emprego. A política salarial solidária, como discutido na seção anterior, promoveria a racionalização da indústria sueca, contudo, como principal resultado negativo criaria ‘ilhas de desemprego’ (LUNDBERG, 1972, p.484). Logo a função da PMTA seria promover a correspondência entre a oferta de trabalho, proveniente dos setores de baixa produtividade, e a demanda dos setores mais dinâmicos da economia sueca.

A política trabalhista sueca era caracterizada pelo ‘direito ao trabalho’, a ideia central era garantir uma rápida recolocação ocupacional do desempregado (DELSEN e VAN VEEN, 1992, p. 88). Portanto, a PMTA procurava adequar o trabalhador às necessidades do mercado, empregando cursos de reciclagem e qualificação do operariado e bolsas de deslocamento para estimular a mobilidade profissional e regional, sempre focando as áreas com maior concentração de postos de trabalho disponíveis (ERIXON, 2008, p.12).

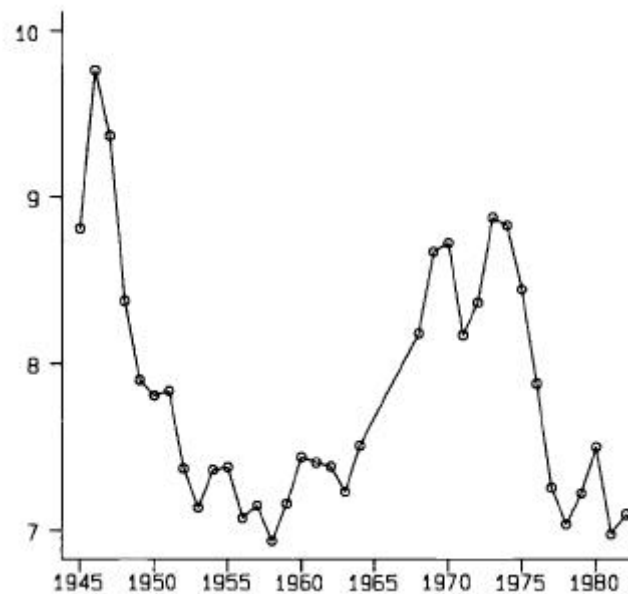
O Conselho Nacional do Mercado de Trabalho (AMS), fundado em 1948, tornou-se o principal responsável pelo planejamento e aplicação da PMTA. Executada pela primeira vez durante a recessão de 1957-1958, com o tempo se tornou mais abrangente (ERIXON, 2008, p.13)

O primeiro esforço da PMTA era cadastrar o desempregado em ‘centros de emprego’¹⁰, esse sistema colocava em contato empresas e trabalhadores, oferta e demanda de trabalho. Acreditava-se que estimular a mobilidade do trabalhador, além de garantir seu enquadramento no mercado, moderaria a taxa de crescimento de salários em setores com alta demanda e escassez de trabalho.

O Gráfico II.3 mostra o índice de migração regional mais intenso nas décadas de 1960 e 1970, período onde a PMTA foi mais vigorosa.

¹⁰ As agências operavam com cerca de 15 a 30 casos de pessoas desempregadas por membro da equipe, relação menor que em outros países europeus. Também ao contrário de muitos países europeus, vagas e demissões planejadas deveriam ser notificadas ao serviço de emprego, de modo que este tinha um profundo conhecimento do mercado de trabalho. (DELSEN e VAN VEEN, 1992, p. 88)

Gráfico II.3 - Taxas de migração interparoquial, 1945-1993



Fonte: EDIN e TOPEL, 1997, p. 176

Caso esse procedimento não fosse eficaz, a primeira alternativa seria os programas de treinamento e reciclagem. Trabalhadores classificados como de difícil reintegração seriam encaminhados para cursos de formação de qualidade garantida, em algumas circunstâncias o impasse era previsto antes mesmo do desemprego se concretizar. (ERIXON, 2008, p.11)

Apenas em último caso o Estado agiria como ‘empregador de ultima instância’, criando vagas temporárias no setor público. Na Suécia, durante este período qualquer cidadão possuía o direito ao trabalho garantido por lei (DELSSEN e VAN VEEN, 1992, p. 89). Sendo assim, a Tabela II.2.3 apresenta a evolução dos gastos do Estado sueco com a PMTA. Os gastos do Estado para realocar o trabalhador em vagas já existentes no mercado de trabalho, através de treinamentos e centros de empregos, aumentaram proporcionalmente mais que os gastos com criação de novos postos de trabalho nos últimos 20 anos, porém, estes continuam como a principal fonte despesa da PMTA.

Tabela II.5 - Gastos do Estado sueco com PMTA entre 1965 e 1984

| | Correspon- dência | Treina- mento | Criação de emprego | Outros | % Do PIB |
|-------|----------------------|------------------|-----------------------|--------|----------|
| 1965 | 12,1 | 16,4 | 61,6 | 9,9 | 0,9 |
| 1966 | 13,5 | 20,1 | 55,3 | 11,1 | 0,8 |
| 67/68 | 11,6 | 25,8 | 52,4 | 10,2 | 1,2 |
| 68/69 | 11,8 | 25,3 | 51,0 | 11,9 | 1,4 |
| 69/70 | 15,6 | 28,9 | 41,1 | 14,4 | 1,2 |
| 70/71 | 13,9 | 30,8 | 36,2 | 19,1 | 1,5 |
| 71/72 | 9,9 | 23,8 | 52,6 | 13,7 | 2,3 |
| 72/73 | 9,5 | 22,3 | 55,5 | 12,7 | 2,8 |
| 73/74 | 10,9 | 25,5 | 47,3 | 16,3 | 2,2 |
| 74/75 | 13,4 | 27,0 | 35,9 | 23,7 | 1,7 |
| 75/76 | 13,3 | 24,8 | 37,8 | 24,1 | 1,9 |
| 76/77 | 9,0 | 27,6 | 45,3 | 18,1 | 2,7 |
| 77/78 | 8,5 | 29,1 | 46,8 | 15,6 | 3,3 |
| 78/79 | 9,4 | 36,0 | 38,0 | 16,6 | 3,1 |
| 79/80 | 10,1 | 37,0 | 33,9 | 19 | 2,9 |
| 80/81 | 11,2 | 33,9 | 32,3 | 22,6 | 2,6 |
| 81/82 | 11,2 | 32,9 | 31,5 | 24,4 | 2,7 |
| 82/83 | 9,4 | 29,5 | 39,5 | 21,6 | 3,0 |
| 83/84 | 9,1 | 26,6 | 44,2 | 20,1 | 3,3 |

Fonte: ERIXON, 2008, p. 74

II.2.4 Política Industrial pós 1968

A partir da década de 1960 o contexto da economia mundial reverteu-se, tornando desfavorável para a economia sueca, pois a recuperação europeia e japonesa e o fortalecimento dos países em desenvolvimento, tanto asiáticos como latino-americanos intensificou a concorrência com suas exportações, diminuindo sua participação no comércio internacional. Na mesma época invenções revolucionárias, como os microprocessadores surgiram, em geral, fora das fronteiras nacionais, afastando o país da fronteira tecnológica. (MAGNUSSON, 2000, p. 207)

Logo, a crescente concorrência internacional e o avanço tecnológico forçaram uma nova postura do governo socialdemocrata perante sua política industrial. A política salarial solidária e a PMTA não eram mais consideradas suficientes para estimular o progresso de sua indústria. Deste modo, o governo optou por uma política industrial ofensiva em 1967.

O primeiro passo foi a criação do banco estatal de investimento – *Sveriges Investeringsbank*– já em 1967, com o objetivo de ‘criar uma forma mais eficiente para o financiamento de longo prazo’ (HÖGSELIUS, 2008, p. 5)

Entretanto, também durante a década de 1960, iniciou-se um debate dentro do *Riskdag*, parlamento sueco, se o apoio do governo seria dado à racionalização ou à transformação da indústria nacional. A questão foi resolvida em 1969 com o estabelecimento do Ministério da Indústria, o qual assumiu a responsabilidade sobre a política industrial, empresas estatais e incentivos à pesquisa e desenvolvimento (P&D), e elegeu a racionalização do setor produtivo como a melhor opção para ser adotada, uma vez que uma transformação industrial intensificaria drasticamente o desemprego do país no curto prazo. (HÖGSELIUS, 2008, p. 5)

Em seguida, as empresas suecas de engenharia foram estimuladas a reagir à alta da competição internacional com o avanço da especialização em produtos essenciais, geralmente, concentrando-se em produtos originários de inovações próprias, pois se acreditava que desta maneira seria possível conseguir importantes economias de escopo, incrementando o poder de mercado dessas firmas em seus nichos de atuação. Portanto, a principal estratégia adotada foi a venda, ou até mesmo o encerramento das divisões de menor envolvimento com o negócio principal. (ERIXON, 1996, p.50-51)

Por outro lado, o primeiro grande problema apontado pelo Ministério foi a fragmentação do setor de P&D nacional. Os principais institutos de pesquisa industrial, em geral, foram fundados entre o final da Segunda Guerra Mundial¹¹ e a década de 1960: a Tabela II.3 apresenta um cronograma contendo os institutos de maior destaque por ano de criação.

| | |
|--|------|
| Cimento e concreto | 1942 |
| Papel e celulose, tecnologia relacionada à madeira | 1944 |
| Pesquisas com metal, defesa, agricultura, e têxtil | 1945 |
| Cerâmica, e alimentos | 1946 |
| Pesquisa ótica | 1955 |
| Metalurgia | 1963 |
| Pesquisa ambiental, e mecânica | 1964 |
| Corrosão | 1965 |
| Eletrônica, construção de/em aço | 1968 |

Fonte: KAISERFELD, 2008, p.16

¹¹ Durante a Guerra Fria, o apoio monetário ao P&D de seus aliados foi intensificado. A ciência tornou-se um instrumento de política externa (KAISERFELD, 2008)

No entanto, essas agências agiam apenas como intermediários entre o setor produtivo, demandante de inovações e as universidades, ofertantes de pesquisas, e eram limitas a uma área específica de atuação (HÖGSELIUS, 2008, p. 7).

Para melhor articular este sistema foi criado, em 1968, o Conselho Nacional de Desenvolvimento Técnico - *Styrelsen för Teknisk Utveckling*, STU – via fusão do Conselho de Pesquisa Técnica com alguns institutos menores, para coordenar projetos de desenvolvimento de tecnologia, e se tornar o maior responsável pelo financiamento de P&D (KAISERFELD, 2008, p.18). Desta forma, o financiamento de P&D cresceu mais de 100% durante a segunda metade da década de 1960 (HÖGSELIUS, 2008, p. 7).

II.3 Conclusão

De fato, o modelo de política econômica adotado na Suécia foi a sua versão da ‘política de produtividade’ do pós-guerra, e se destaca por ter conseguido combinar racionalização industrial com uma crescente equidade (RYNER, 1999, p.50).

“One conclusion of the actual experiences of the 1960s as compared with the 1950s was that productivity changes should not be taken as given but brought into the policy model as endogenous variables. The surprisingly big acceleration in the growth of labour productivity (especially in the competitive sector) should thus be considered as partly a consequence of the new policies”. (LUNDBERG, 1972, p.484)

Segundo Erixon (2008, p. 14), esta conciliação entre sua ‘política de produtividade’ e uma próspera harmonia social foi possível pela ênfase dada à PMTA e à política salarial solidária, pois, elas proporcionaram a adesão do operariado sueco à sua política de racionalização, uma vez que o desaparecimento de postos de trabalho em indústrias de baixos salários e estagnadas seriam compensadas com suporte concedido à realocação do trabalhador no mercado.

Ou seja, a estabilidade institucional sueca foi essencial para a sua prosperidade entre o final na Segunda Guerra Mundial e a primeira crise do petróleo. A manutenção do partido socialdemocrata no governo entre 1932 e 1976, e a harmonia no mercado de trabalho, estabelecida pelo acordo de 1938, propiciaram um maior grau de certeza para os formuladores suecos de política econômica.

Além disso, as condições externas foram extremamente vantajosas e a Suécia se tornou em um dos maiores produtores de bens duráveis e de investimento no pós-guerra, visto que

seus maiores concorrentes tiveram seus parques industriais destruídos pela guerra e ainda não haviam se recuperado (ERIXON, 1996, p.6).

Ademais, a *pax americana* sustentou a difusão do modo de produção fordista, promotor da produção e do consumo em massa, e essencial para a política de pleno emprego (RYNER, 1999, p.51).

Este cenário só seria desfigurado com o fortalecimento do novo paradigma tecnológico, e com a mudança da política externa, ocasionada pelo fim da Guerra Fria. As consequências deste episódio para a economia sueca serão analisadas no capítulo a seguir.

CAPÍTULO III – CRISE

Introdução

A última década do século XX registrou uma das maiores crises da história econômica sueca, apenas a crise de 1930 apresentou perda maior em termos de renda real (JONUNG, 2009, p.6). A principal justificativa para isto, segundo Stephens (1995), seria a forma como o país reagiu às mudanças que a antecederam.

Dividido em duas partes, o capítulo examinará essas mudanças em âmbito internacional e suas consequências para a economia local. Assim, a primeira seção focalizará os acontecimentos predecessores a esta crise, entre 1970 e a primeira metade de 1980. A segunda seção concentrará no superaquecimento durante a segunda metade de 1980 e na crise em si, no início da década de 1990.

III.1 Mudanças da Economia Internacional

O regime de crescimento rápido dos anos dourados começou a se desestruturar no início dos anos 1970, junto com o fim do ambiente econômico razoavelmente estável, que se mantinha desde o pós-Segunda Guerra Mundial (PLIHON, 1996).

Portanto, nesta subseção serão abordadas as mudanças no cenário macroeconômico desta época, as quais apresentariam consequências diretas na crise da década de 1990.

III.1.1 A mudança estrutural e a Resposta Sueca

A partir da segunda metade da década de 1960, a recuperação europeia e japonesa impulsionou a concorrência no comércio internacional¹², o que indiretamente provocou uma introdução acelerada de novas tecnologias e, conseqüentemente, o esgotamento do paradigma tecnológico do pós-guerra (TAUSS, 2012, p. 55).

A crise do petróleo¹³, em 1973, intensificou este processo e tornou visível a queda de produtividade e taxas de lucro dos antigos parques industriais da Europa Ocidental, tradicionais nos setores de carvão, ferro, aço, e indústrias de bens mecânicos e de consumo, os quais perderam força perante as novas tecnologias (MAGNUSSON, 2010, p. 258).

¹² Segundo Erixon (1996), no final dos anos dourados, havia três ameaças contra a indústria sueca: a saturação do mercado e o esgotamento tecnológico de seus principais produtos e a crescente concorrência de baixo custo.

¹³ A crise do petróleo determinou o fim de um longo período de energia a baixos custos, o qual havia servido como subsídio para o crescimento do pós-guerra. (STEPHENS, 1995)

No entanto, assim como em outros países escandinavos, o governo sueco inicialmente considerou a crise estrutural como sendo somente uma crise temporária (STEPHENS, 1995). Por conseguinte, a piora do desempenho da economia sueca foi combatida apenas por meio de intervenções extraordinárias por parte do Estado, visando principalmente à manutenção da política de pleno emprego. (ANXO; NIKLASSON, 2004).

Deste modo, durante a segunda metade da década de 1970, verificou-se um aumento drástico nos gastos do governo com subsídios industriais, um crescimento de mais de 50 por cento entre 1979/1980 e 1982/1983. Grande parte desses auxílios foram direcionados aos setores que apresentavam maior dificuldade econômica¹⁴, principalmente as indústrias siderúrgica e de transformação. (BOHLIN, 1999, p.169)

| | 1975/1976 | 1979/1980 | 1982/1983 | 1987/1988 |
|--------------------------------|-----------|-----------|-----------|-----------|
| Política regional | 591 | 736 | 748 | 696 |
| Suporte a Firms e Setores | 246 | 7120 | 8774 | 600 |
| P & D | 533 | 425 | 467 | 206 |
| Exportação | -60 | 134 | 1334 | 569 |
| Pequenas Empresas | 84 | 237 | 217 | 74 |
| Medidas de poupança de energia | - | 43 | 314 | 114 |
| Outros | - | - | - | 360 |
| Total | 1394 | 8695 | 11854 | 2619 |

Fonte: BOHLIN, 1999, p. 168

Também como medida para aliviar os efeitos da crise, o governo sueco se retira da serpente cambial europeia em 1976, alegando que a manutenção do câmbio fixo retirava a competitividade de sua produção. Logo, entre 1976 e 1977, três desvalorizações subsequentes provocaram uma queda de quase 14 por cento no valor da coroa. (MAGNUSSON, 2000, 260)

A partir de 1982, a política industrial defensiva foi gradativamente menos empregada, o crescente déficit orçamentário foi utilizado como principal justificativa para tal. Desta forma, as desvalorizações da coroa se tornaram o instrumento preponderante do governo para recuperar a competitividade da economia sueca. (DELSEN; VAN VEEN, 1991)

¹⁴ A opção por defender os setores em crise seria modificada, somente, a partir da década de 1980, com a reorientação da política industrial sueca. Apesar de a onda neoliberal influenciar a queda da participação direta do Estado na economia, o consenso em torno de o crescimento econômico e o bem estar social estarem intrinsecamente conectados aos avanços tecnológicos foi restituído gradualmente. (HÖGSELIUS, 2008, p.21)

No mesmo ano, a coroa foi desvalorizada em cerca de 16 por cento, além de uma desvalorização de 10 por cento do ano anterior, o que concedeu uma vantagem competitiva substancial para a indústria sueca (STEPHENS, 1995).

As desvalorizações, somadas à recuperação da economia internacional, estimularam as exportações. No entanto, para Delsen e Van Veen (1992), esta recuperação seria apenas um alívio temporário, pois escondia os problemas estruturais em vez de solucioná-los em definitivo.

Por isso, apesar de alguns setores da economia nacional estarem bastante comprometidos, as consequências da crise foram amenizadas e o impacto no emprego foi relativamente reduzido¹⁵.

“In Sweden, the OPEC I crisis resulted in a 9.9 percentage point loss of real income during 1976-78. Industrial production started to decrease a year earlier. By the end of the crisis the production loss was 13.5 percentage points. The policy goal of full employment seems to have been successful: the employment loss was modest. The OPEC II crisis was milder than OPEC I in terms of the loss of real income, which totaled only 1.9 percentage points. Industrial production also fared better during OPEC II. Total loss of industrial production was 5.3 percentage points, after which growth rates returned to their pre-crisis trend in 1982. Once again employment did not suffer as much, with a loss in employment of only 1.9 percentage points in 1981-83.” (JONUNG; HAGBERG, 2005, p. 19)

Na próxima seção será analisado como a retomada do liberalismo econômico afetou a economia nacional e os fluxos financeiros internacionais.

III.1.2 O Liberalismo Econômico e a Taxa de Juros

Paralelamente à crise estrutural, a economia presenciou o colapso do sistema monetário internacional e a difusão do pensamento neoliberal.

O cenário econômico do final da década de 1960 proporcionou pressões inflacionárias crescentes, incompatíveis com a manutenção de taxas de câmbio fixo, assim como a fixação

¹⁵ No entanto, o mercado de trabalho sueco foi afetado pelo declínio do modo de produção fordista. As mudanças estruturais enfraqueceram a expressiva representatividade da LO ao conceder mais peso aos sindicatos representados pelo TCO e SACO. A partir de 1980, a crescente rivalidade setorial minaria o sistema de negociação salarial entre LO e SAF. Além disso, na mesma época, a SAF se tornou um dos principais defensores da corrente neoliberal, reunindo forças contra as atividades do Estado e a influência sindical. (CLEMENT, 1994)

do valor das moedas em ouro. À vista disso, no início da década de 1970¹⁶ foi reconhecido o esgotamento do sistema de Bretton Woods. (CAVALCANTI et al., 2011, p. 11)

A década de 1970 simbolizaria o início do processo de liberalização da economia internacional (PLIHON, 1996) e o acirramento da concorrência no mercado financeiro (CAVALCANTI *et al.*, 2011).

A remoção dos controles de capital¹⁷ favoreceria os fluxos de capitais, dificultando o controle das transações financeiras privadas e aumentando a pressão sobre as taxas de câmbio (EICHENGREEN, 2004, p. 43).

Logo, a desregulamentação do mercado financeiro internacional e a ascensão dos bancos privados resultaram em um desvio significativo de capitais do setor produtivo, estagnado com a crise estrutural, para o setor financeiro. Esta se tornou a fonte prevalecente de aquisição de riquezas, que em geral não eram repassadas para investimentos na produção, mas empregadas em novos ciclos especulativos. (TAUSS, 2012)

Nesta época a política monetária tornou-se o instrumento central utilizado pelos governos nacionais para promover a regulação macroeconômica (PLIHON, 1996). Contudo, esta opção resultou em uma alta expressiva das taxas de juros em todo mundo, dado a vulnerabilidade das economias nacionais às flutuações dos fluxos financeiros transnacionais, que pressionava os governos a manterem juros atrativos ao capital interno e ao internacional.

“Following the liberalization of transnational capital flows and the introduction of floating exchange rates, money could be quickly moved out of a country and transferred to a more attractive destination. This provided transnational financial capital with the capacity to willingly create foreign exchange or payments crises, primarily in small open economies in the South. Through such means, governments could rapidly and forcefully be brought in line by international finance capital and coerced into adopting suitable policies (...). National, regional, and global financial crises or recessions further benefit transnational capital, in particular transnational corporations and international banks, as during the process of recession and recovery, weaker competitors either go bankrupt or are taken over by stronger players”. (TAUSS, 2012, p.69)

¹⁶ Após o primeiro choque do petróleo, as taxas de juros internacionais aumentaram drasticamente, em parte como resultado direto das tentativas de governos para combater os gastos deficitários com energia (STEPHENS, 1995).

¹⁷ Os controles de capital e câmbio, estabelecidos por Bretton Woods no pós-Segunda Guerra Mundial, viabilizaram a manutenção de uma política de juros baixos, e isolaram a economia nacional financeiramente do resto do mundo, permitindo políticas fiscais e monetárias no mercado interno (ENGLUND, 1999).

Por sua vez, a elevação da taxa de juros resultou na expansão da dívida pública em vários países, posto que a taxa de crescimento da economia real não era mais suficiente para compensar o impacto da variação dos juros (PLIHON, 1996).

III.2 A década de 1990

As mudanças que ocorreram na economia internacional e nacional, a partir de 1970, ocasionaram a pior crise da Suécia desde a Grande Depressão.

“The Swedish economy was hard hit by the crisis of the 1990s. It was one of the most severe downturns in the 20th century (...). Between 1990 and 1993 the loss of real income was 13.0 percentage points and of industrial production 17.0. Employment continued to decline for a year longer than the two other measures. Between 1990 and 1994 job losses totaled 16.6 percentage points”. (JONUNG; HAGBERG, 2005, p. 17)

Portanto, o foco dessa seção é a crise de 1990, sua origem e seu impacto na economia sueca.

III.2.1 Desregulamentação e a Expansão do Crédito

O mercado financeiro e de crédito sueco permaneceram regulamentados desde a Segunda Guerra Mundial. O objetivo era manter uma política de baixas taxas de juros e inflação estável, além de proporcionar uma atratividade pequena para a operação de bancos estrangeiros em seu território (KOHLBACHER, 2009, p.3).

Bancos e companhias de seguro tinham de respeitar tetos de empréstimos¹⁸ e índices de liquidez. Os primeiros ainda encontravam-se limitados quanto às taxas que podiam aplicar (ENGLUND, 1999, p.80). Esta situação somente foi revertida nos meados da década de 1980.

Neste período, apesar de mostrar resistência, o Riksbank seguiu a onda liberalizante europeia e declarou a ineficiência da regulação perante o rápido crescimento dos fluxos financeiros internacionais (ENGLUND, 1999, p.83). A desregulamentação ocorreu, principalmente, a partir de 1983 até 1986. A tabela III.2 apresenta os marcos da liberalização do setor bancário em ordem cronológica.

¹⁸ Por outro lado, estudos da época sugeriam que a família padrão sueca, no agregado, estava sujeita a restrições de crédito menores, dentro do grupo de países da OCDE. Segundo Englund (1999), isto ocorria por causa dos programas do governo de financiamento habitacional, que possuíam condições extremamente favoráveis com pouca ou nenhuma avaliação de risco.

| | |
|-----------|--|
| 1978 | Remoção do teto para taxas de juro de depósitos bancários. |
| 1980 | Aumento do teto para de emissão de taxas para títulos do setor privado. Remoção do controle sobre empréstimos para companhias de seguros. |
| 1982 | Remoção de imposto sobre certificados de depósito. |
| 1983 | Autorização para estrangeiros deterem ações suecas. |
| 1985 | Remoção do teto para novas emissões de obrigações de empresas privadas. |
| 1986 | Remoção de requisitos sobre os bancos para segurar títulos do governo e habitação. Remoção das cotas de liquidez. |
| 1986-1988 | Aumento do teto para taxas de empréstimos bancários. |
| 1989 | Autorização para bancos estrangeiros constituírem subsidiárias na Suécia. |
| 1988-1991 | Relaxamento de controles cambiais em operações com ações. |
| 1990 | Autorização para residentes suecos comprarem ações estrangeiras |

Fonte: KOHLBACHER, 2009, p. 3

A abolição do limite de concessão para empréstimos de bancos comerciais, em 1985, foi a medida de desregulamentação de maior impacto para o mercado financeiro, ocasionando a expansão deste e o rearranjo da participação de seus integrantes¹⁹. Entre 1986-1990, o setor bancário cresceu 174 por cento, as instituições hipotecárias 167 por cento. Além disso, enquanto companhias de seguros e sociedades financeiras perderam parcelas de mercado, no mesmo período o endividamento privado passou de 85 para 135 por cento, sendo 73 por cento em termos reais (KOHLBACHER, 2009, p 4-5).

Após décadas de crédito racionado, empresas e famílias não possuíam mais restrições regulamentadas acerca de suas carteiras de investimento. Além disso, devedores eram incentivados por baixa taxa real de juros, expectativa de inflação elevada e regras fiscais a obterem mais empréstimos para serem utilizados em investimentos e consumo (JONUNG, 2009, p.3)

O boom do crédito começou em 1985-1986, canalizado geralmente para o mercado de ativos e principalmente para o setor imobiliário. A desregulamentação estimulou a arbitragem fiscal. A tributação sueca de capital ainda era bastante assimétrica, com várias formas de rendimentos tributados a taxas efetivas muito menores que as do mercado internacional. A complexidade da operação variava, mas a essência era a assunção de novos empréstimos para se-

¹⁹ A desregulamentação gerou um acirramento da competição no mercado financeiro. Os bancos comerciais conseguiram expandir suas atividades para atender à parcela de mercado anteriormente atendida por sociedades financeiras, que foram compelidas para áreas de maior risco, como operações de leasing e factoring. No entanto, como essas empresas eram proibidas de receber depósitos e emitir obrigações recorriam, justamente, aos bancos para se financiarem, seja por empréstimos diretos ou garantias para seus certificados de investimentos, consequentemente o setor bancário ficava exposto a um risco extra de crédito. (ENGLUND, 1999, p.84-85)

rem empregados em aplicações de menor tributação, como fundos especiais de investimentos (ENGLUNG, 1999, p. 86).

O preço dos ativos apresentava uma tendência de crescimento durante este período que foi amplificada por este processo, pois foram utilizados como garantia para novos empréstimos, base da riqueza líquida das famílias (KAMIKAWA *et al.*, 2005).

A especulação com ativos financeiros e imóveis originou um quadro de superaquecimento na economia sueca durante a segunda metade da década de 1980. O desemprego atingiu o menor índice histórico, 1,4 por cento (ENGLUNG, 1999, p. 89), o consumo privado elevou-se para 12,7 por cento do PIB real (JONUNG, 2009, p.5), e a taxa de poupança privada apresentou uma violenta queda, eventualmente tornando-se negativa.

A política monetária não poderia ser adotada para desacelerar a economia, pois o aumento de juros não era uma opção, dado que a coroa sueca participava do sistema monetário europeu. O retorno à regulação também não era uma ameaça factível e as medidas propostas pelo governo de política fiscal não foram suficientes. Desta forma, a economia sueca entrou em uma espiral inflacionária (KAMIKAWA *et al.*, 2005).

III.2.2 A crise imobiliária e bancária

O boom da economia sueca foi interrompido no início dos anos 1990, como resultado de uma combinação de eventos nacionais e internacionais que acarretou em uma elevação drástica da taxa de juros reais.

O fim da bolha especulativa foi decretado indiretamente com a reforma fiscal de 1990, que reduziu as margens de tributação, mas principalmente a dedutibilidade fiscal sobre os rendimentos de capital de 50 por cento para 30 por cento, elevando as taxas de juros reais após impostos²⁰. A majoração dos juros foi provocada por mais dois fatores: o aumento das taxas de juros internacionais, após a reunificação alemã, e a mudança da política macroeconômica doméstica²¹. (KOHLBACHER, 2009, p. 8)

²⁰ Em consequência a arbitragem fiscal tornou-se menos atrativa, e a poupança privada passou a ser mais acionada, subindo de um nível negativo em 1980 para cerca de 8 por cento em 1993. (JONUNG, 2009, p.8)

²¹ Durante a década de 1990, o *Riksbank* elevou, gradualmente, sua taxa de juros, indicando sua nova prioridade macroeconômica, o combate à inflação.

Em 1990, a Suécia também foi contaminada pela recessão da economia mundial²², logo a confiança em sua economia caiu junto com sua taxa de crescimento (MAGNUSSON, 2000, p. 264). A inflação passou de um patamar de 10,5 por cento em 1990 para 2,3 por cento em 1992, como pode ser averiguado no Gráfico III.1.

Gráfico III.1 – Variação da inflação sueca 1983-2000



Fonte: SCB - Statistics Sweden, 2013

Em paralelo, os preços dos ativos financeiros entraram em uma espiral descendente, alimentada por perspectivas pessimistas. Consequentemente, ocorreu uma queda acentuada na riqueza líquida das famílias, posto que esta tinha sido financiada por empréstimos cujo valor nominal permanecia inalterado (JONUNG, 2009)

Estes eventos combinados com o aparente esgotamento do mercado imobiliário²³ produziram uma desvalorização progressiva dos preços do setor, o primeiro a enfrentar a crise do início dos anos 1990.

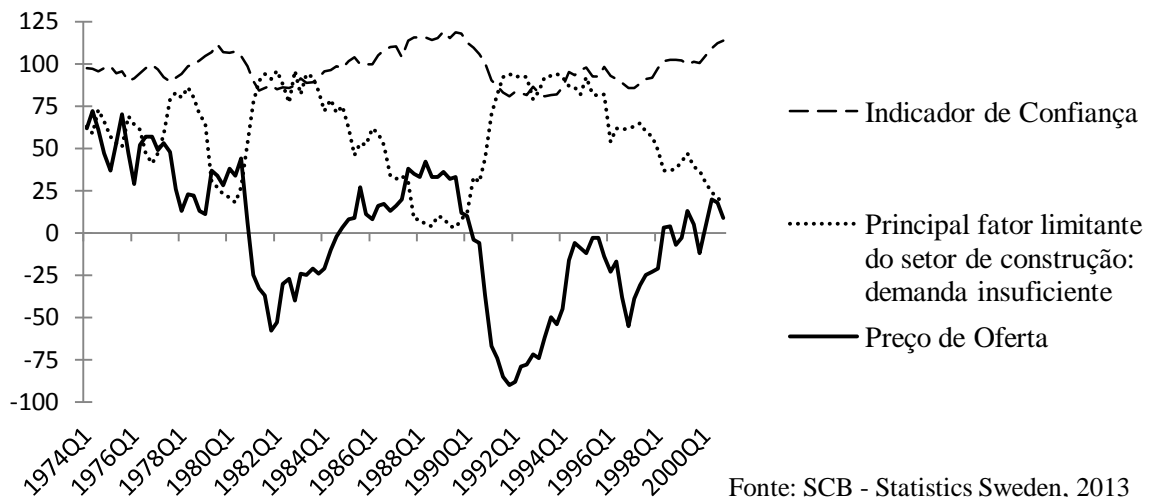
A destruição do valor do patrimônio real privado provocou um rearranjo na carteira dos agentes econômicos suecos, com contração do consumo privado e venda de ativos para compensar a variação na renda. No entanto, este movimento projetou um ciclo de depreciação dos

²² Início dos anos 1990 foram anos turbulentos. A cortina de ferro desceu, o império soviético entrou em colapso e a Guerra do Golfo eclodiu. O mundo industrial entrou em recessão, desencadeada pelo aumento dos preços do petróleo e das taxas de juros reais da Europa. (JONUNG; HAGBERG, 2005, p.16)

²³ Durante a década de 1980, construções foram estimuladas pelos subsídios da política habitacional do governo, e crescimento da demanda, proveniente da expansão do crédito, favorecendo o sobreinvestimento (JONUNG, 2009). Como resultado do boom de preços, o investimento em construção quase dobrou, um aumento de 88 por cento entre as médias de 1988-1980 e 1983-1985 (ENGLUNG, 1999, p. 89).

ativos alvos de especulação, pois a venda destes suscitava uma nova baixa de preços, que por sua vez conduzia a novas vendas. Em 1991, o índice de preço do mercado imobiliário já apresentava uma queda de 40 por cento (KOHLBACHER, 2009, p.8)

Gráfico III.2 – Indicadores do Setor Imobiliário



Isto posto, a crise imobiliária contaminou rapidamente o setor bancário²⁴. As autoridades suecas encorajavam os bancos a concederem empréstimos vinculados a garantias tangíveis, e o resultado foi a excessiva exposição dos bancos ao setor imobiliário (HERRING e WACHTER, 1998, p. 37).

Assim, um crescente volume de empréstimos passou a usar imóveis como garantias, mesmo quando o recurso captado fosse vir a ser empregado em atividades de outros setores, como o setor de produção, de serviço, ou para empresas de crédito. Ademais, acredita-se que mutuários usuários desse artifício recebiam análises de crédito e risco menos rigorosas. (HERRING e WACHTER, 1998, p. 38)

O primeiro sinal de uma crise bancária apareceu somente em 1990. Em setembro, a companhia de financiamento *Nyckeln* suspendeu seus pagamentos, alegando grandes perdas em seus empréstimos imobiliários e em suas participações em sociedades gestoras de ativos dessa natureza (MAGNUSSON, 2000, p. 264).

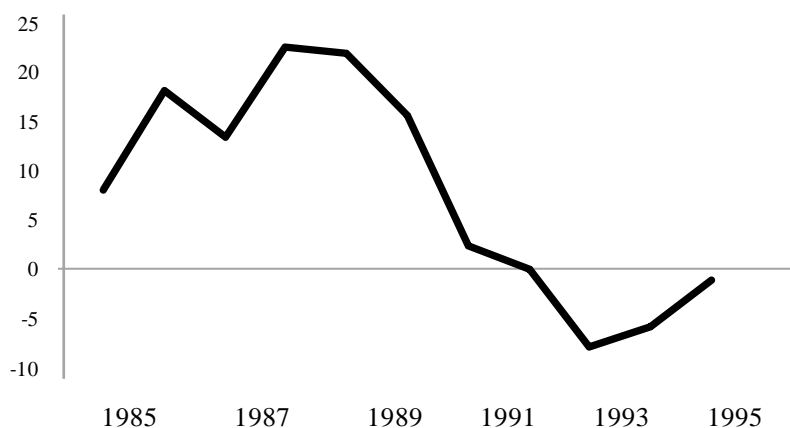
²⁴ As mais de três décadas de experiência favorável com empréstimos imobiliários deram a impressão que a probabilidade de um colapso nos preços do setor imobiliário ser praticamente nula, estimulando, assim, os banqueiros a ignorarem os riscos associados à rápida expansão destes, logo, a desregulamentação foi vista como uma oportunidade para os bancos aumentarem lucros através da difusão de empréstimos (MACEY, 1997).

O episódio gerou uma quebra de confiança no mercado financeiro, e uma corrida entre proprietários de certificados de investimento para resgatarem seus títulos. Nos meses seguintes uma série de empresas de financiamento decretou falência (ENGLUNG, 1999).

“The most spectacular aspect of the crisis of the early 1990 was without doubt the bank crisis. Beginning in 1990, one crisis followed the other in the finance companies that were closely linked to the commercial banks”. (MAGNUSSON, 2000, p. 264).

Os empréstimos, antes considerados uma forma segura de ampliação de lucros, revelaram seus riscos intrínsecos. Os bancos foram duplamente atingidos, visto que além de se envolverem diretamente concedendo empréstimos, eram geralmente os maiores responsáveis pelo financiamento das empresas em bancarrota.

Gráfico III.3 Taxa de crescimento anual do volume de crédito na Suécia. 1985-1994 (em%)



Fonte: JONUNG, 2009, p. 3

Os prejuízos acumulados entre 1990-1993 chegaram a um total de 17 por cento do total de empréstimos. Estes perderam valor progressivamente: 1,1 por cento em 1990, 3,6 por cento em 1991, 7,6 por cento em 1992, e 6,5 por cento em 1993 (KAMIKAWA *et al.*, 2006, p.47).

No entanto, apesar de todo o setor bancário apresentar perdas de crédito superior aos lucros, verificou-se uma forte correlação entre esses prejuízos e a expansão do crédito entre 1985-1988. Como poder ser visualizado na Tabela III.2, o Handelsbanken, cuja taxa de expansão foi singularmente abaixo das demais, não precisou de qualquer apoio do governo, ao contrário do Gotabanken, com o maior aumento e retenção de empréstimos imobiliário decretou falência em setembro de 1992, dois anos após o primeiro sinal da crise.

Tabela III.3 A experiência de grandes bancos durante a crise bancária

| | Total de empréstimos em 1985 (bilhões SEK) | Prejuízo com empréstimos (%) | Crescimento dos empréstimos entre 1985-8 (%) | Empréstimos imobiliários de 1990 (%) | |
|--------------------|--|------------------------------|--|--------------------------------------|--|
| SE-banken | 65.6 | 11.7 | 76 | 12 | Injeção de capital por parte dos proprietários em 1993. |
| Handelsbanken | 73.1 | 9.5 | 38 | 9 | Operacional sem a necessidade de injeção de capital. |
| Nordbanken | 84.2 | 21.4 | 78 | 12 | Separação dos empréstimos inadimplentes e injeção de capital. |
| Gota | 29.8 | 37.3 | 102 | 16 | Falência. Comprado pelo Estado. |
| Sparbanken Sverige | 78.3 | 17.6 | 88 | 14 | Empréstimo do governo, e injeção de capital dos proprietários. |
| Föreningsbanken | 23.1 | 16.6 | 67 | 10 | Exigência de garantia de capital, que nunca foi utilizada. |
| Total | | 16.8 | 77 | 12 | |

Fonte: ENGLUND, 1999, p.91

III.2.2 A crise cambial

A crise do início dos anos 1990 ainda foi agravada pelo fato de a crise bancária sueca coincidir em tempo com a crise do Sistema Monetário Europeu²⁵ - SME (MAGNUSSON, 2000, p. 264).

Posto que, pelo reconhecimento internacional, o sistema bancário sueco não era capaz de sobreviver a um longo período de taxas de juros elevadas, ampliando deste modo a especulação²⁶ contra a coroa sueca, e ocasionando aumentos recorrentes da taxa de juros, dado a decisão do *Riksbank* de defender a paridade cambial a quase qualquer custo²⁷ (ENGLUND, 1999).

²⁵ Apesar da Suécia não ser um membro formal do SME, o *Riksbank* optou por atrelar unilateralmente a coroa ao ECU - Unidade de Conta Europeia, cesta de moedas europeias em que o marco alemão era o principal ponto de referência, como forma de obter credibilidade para a moeda sueca (RYNER; LINDBERG, 2010)

²⁶ A abolição dos controles de capitais, última etapa da desregulamentação do sistema financeiro, tornou possível a especulação da moeda sueca. (KAMIKAWA et al, 2006, p.47)

²⁷ O fato de que a crise bancária começou pelo menos um ano antes da crise cambial, indica que não houve ligação direta das perdas cambiais com a crise bancária. Contudo, houve uma clara ligação indireta com a defesa

A persistência em defender o câmbio fixo foi respaldada nas opiniões de formuladores de política e economistas suecos, que usavam as desvalorizações da década de 1970 e início de 1980 como exemplo da ineficiência dessas na resolução de problemas econômicos no longo prazo. Segundo eles, as desvalorizações apenas mascarariam o problema no curto prazo, ocasionando um processo cíclico de depreciação cambial (JONUNG, 2009).

No entanto, a valorização crescente do marco alemão, causada pela competitividade das exportações e da política econômica alemã, testava a capacidade da manutenção da paridade das demais moedas europeia (RYNER; LINDBERG, 2010).

A flutuação da moeda finlandesa, em 8 de setembro de 1992, foi considerado o marco inicial da crise do SME, e promoveu uma nova onda especulativa contra a coroa. Para defender a moeda o Riksbank elevou a taxa *overnight* para 75 por cento em 9 de setembro. Na semana seguinte, após Itália e Reino Unido abandonarem o SME, a taxa *overnight* atingiu seu pico em 500 por cento. (ENGLUND, 1999, p. 93)

Sem qualquer apoio formal do Fundo Europeu de Cooperação Monetária, o câmbio fixo foi abandonado em novembro de 1992, o que levou a uma depreciação imediata de 9 por cento no dia seguinte, e de 20 por cento até a virada do ano. Assim, a taxa de câmbio foi substituída pela meta de inflação como âncora para a política monetária (RYNER; LINDBERG, 2010).

III.3 Conclusão

No início da década de 1990, a Suécia experimentou uma crise sem precedentes no período do pós-guerra, e sem equivalência entre os demais membros da OCDE, com exceção da Finlândia, ocasionando um crescimento negativo do PIB em 1991-1993, que foi mais prejudicial em termos de PIB do que a recessão de 1930 (ERIXON, 2008, p. 39).

Três eventos podem ser apontados como possíveis razões de seu elevado custo. O primeiro deles, o fato de ter acontecido após um longo período de prosperidade, a Era de Ouro do capitalismo, posto que tanto o público quanto os formuladores de política econômica não consideravam a possibilidade de uma recessão em um futuro próximo (JONUNG; HAGBER, 2005).

da coroa e a alta das taxas de juros, um forte agravante para as perdas de crédito e o aprofundamento a crise bancária (ENGLUND, 1999).

A crise ocorreu em sequência a uma fase de superaquecimento do mercado interno, gerado por um boom de crédito, principalmente imobiliário, durante a década de 1980.

“Above all, the deregulation of credit markets was poorly timed. This was done in 1985 when there were still generous tax deductions for consumer interest payments, and it fuelled an unprecedented credit boom and consumer spending orgy at a time when the economy was already beginning to overheat.” (STEPHENS, 1995, p. 23).

O crescimento da taxa de juros reais no início da década de 1990, estimulado pela elevação dos juros internacionais e pela reforma tributária sueca, determinou o fim do superaquecimento e o colapso da bolha especulativa (ERIXON, 2008).

A crise que se seguiu provocou a maior queda em renda real desde a crise de 1930. No entanto, a perda de rendimentos não estava relacionada à produção industrial, e sim ao declínio de outros setores da economia, como o financeiro e o imobiliário (JONUNG; HAGBERG, 2005).

Em segundo lugar, a economia internacional era gerida por uma nova corrente pró-liberalismo econômico. Por conseguinte, o Estado sueco passou a ter um menor domínio sobre a economia nacional. Com a abertura financeira e o fim do controle de capitais, a eficácia dos instrumentos de política econômica²⁸, apontados no capítulo anterior, decaiu, e a economia sueca ficou sob a influência dos fluxos internacionais de capitais.

“As Moses (1994) points out in his comparison of Norway and Sweden, the current era is one of financial and trade openness, in contrast to the inter-war period in which trade was regulated and the postwar Golden Age in which financial flows were regulated. Thus neither capital controls nor trade regulations (tariffs, quotas, etc.) can be deployed to defend the external balance, leaving governments one tool shorter than in these two earlier periods. (...) This deprived the government of essential elements of its supply-side policy that in the past had been used to facilitate combining full employment, price stability, growth and the desired distributive outcomes. Active labor market policy was increasingly the sole tool the government could rely on. Business cycles could be counteracted with fiscal stimulation but this was even less effective than in earlier periods due to increasing trade openness.” (STEPHENS, 1995, p.21)

O terceiro fato considerável é o declínio do paradigma tecnológico e produtivo do pós-guerra. O baixo crescimento da produtividade não conseguiu compensar o aumento dos juros reais. E o fim do modo de produção fordista enfraqueceu o poder de barganha da LO, rompendo os acordos coletivos no mercado de trabalho.

²⁸ Além disso, o fornecimento de crédito barato para a indústria e o favorecimento dos investidores industriais em detrimento a outros usuários potenciais de crédito já não era possível, por causa da desregulamentação do mercado financeiro e da elevada taxa de juros internacional (STEPHENS, 1995, p. 21).

A crise só cedeu a partir de 1992, com a desvalorização da coroa sueca e a intervenção do Estado na crise bancária, o que ocasionou graduais reduções nas taxas de juros. Além disso, a forte depreciação da coroa aumentou a competitividade da produção sueca, e os investimentos realizados durante a década de 1980 em P&D entraram em sua fase de maturidade. Logo, as exportações passaram de 28 por cento do PIB, em 1992, para 45 por cento no final da década, tornando-se o principal responsável da recuperação da economia sueca. (JONUNG, 2009, p. 10-11)

CONCLUSÃO

A Suécia teve um êxito excepcional como nação industrial, o país usufruiu de um desenvolvimento econômico extraordinariamente bem-sucedido durante um período de cem anos. Entre 1870 e 1950 possuiu a maior taxa de crescimento econômico do mundo ocidental, e uma prosperidade surpreendente até o início da década de 1970 (ROJAS, 2005, p7).

A ‘grande transformação’ ocorreu, principalmente, durante o século XIX, o qual iniciou com uma revolução agrária e terminou com uma profunda transformação industrial, que lançou as bases para todo o progresso subsequente.

Sobressai-se o papel fundamental do Estado nesta fase de reestruturação socioeconômica. O Estado certificou-se em garantir a infraestrutura física e institucional para o desenvolvimento nacional no longo prazo.

A mudança institucional começou ainda no século XVIII com o fim do monopólio da nobreza sobre a propriedade das terras (HECKSCHER, 1954), e continuou com alterações na legislação com a finalidade de incentivar a redistribuição mais homogênea dos terrenos. Aos poucos antigos monopólios e privilégios foram substituídos por instituições básicas para uma economia de mercado, com destaque para a eliminação gradual das restrições ao comércio interno (MAGNUSSON, 2000).

Um sistema de educação eficiente para prover trabalhadores qualificados para a indústria local também foi estabelecido neste período. Este passo foi essencial para seu sucesso industrial, uma vez que preparou os inovadores de suas principais empresas.

Com o apoio de uma demanda internacional crescente por seus produtos, o Estado sueco conseguiu instaurar um processo de transformação interna que deu origem a uma agricultura eficiente, um mercado doméstico em expansão, uma mobilidade social significativa, uma infraestrutura adequada, instituições modernas, e profissionais competentes, e transformou a Suécia de um típico exportador de matérias-primas a uma poderosa nação industrial em poucas décadas (ROJAS, 2005, p.16).

Estes elementos foram desenvolvidos e aperfeiçoados na fase seguinte, conhecida posteriormente como a era de ouro do capitalismo. A infraestrutura foi adaptada ao setor industrial, especialmente às necessidades das grandes empresas exportadoras.

Assim, o crescimento econômico sueco alcançou seu pico entre 1950 e 1970, uma taxa média de crescimento de 4% ao ano, e a produção industrial aumentou em mais de 6% ao ano, se colocando no centro deste desenvolvimento (SÖDERSTEN, 1990, p.49). A produtividade do trabalho, também, cresceu em um ritmo sem precedentes, passando de uma taxa de crescimento anual de 1-2% ao ano para 3% ao ano na década de 1950, e 4,6% ao ano na década seguinte (SÖDERSTEN, 1990, p. 50).

Portanto, o modelo para gestão de política econômica estabelecido neste período foi baseado em um setor industrial essencialmente competitivo. A adoção da política salarial solidária serviria, neste sentido, para pressionar indústrias de baixa produtividade à racionalização, os trabalhadores despedidos nesse processo seriam canalizados para áreas mais produtivas da economia através da política ativa de mercado de trabalho. O modelo foi bem-sucedido, enquanto a indústria nacional prosperava (ROJAS, 2005).

No entanto, a crise estrutural de 1970 encerrou o ciclo iniciado durante a Segunda Revolução Industrial, e suprimiu os componentes básicos e decisivos para a estabilidade da economia sueca.

O modo de produção fordista foi substituído pelo método *Just in Time*, ou seja, a produção em massa e padronizada foi preterida por um maior nível de especialização e estoques menores. Com isso as vantagens das grandes indústrias foram enfraquecidas, uma vez que empresas de menor porte apresentariam maior flexibilidade às novas demandas.

Ademais, o setor produtivo também seria afetado, mesmo indiretamente, pela desregulamentação do mercado financeiro internacional. Uma vez que, segundo Tauss (2012), a ascensão do setor financeiro representou um desvio relevante de capitais produtivos para a especulação.

Isto é, o setor financeiro passa a ser uma das principais fontes de enriquecimento, as quais seriam adquiridas por vias especulativas, enquanto, o Estado passou a ser responsável por manter a atratividade de sua economia aos instáveis fluxos financeiros internacionais. A crescente fragilidade da economia perante os capitais internacionais enfraqueceu o domínio do Estado sueco sobre sua economia, e restringiu a eficiência do modelo de política econômica empregada durante o pós Segunda Guerra Mundial.

O colapso da Suécia na década de 1990 foi a maior manifestação da mudança da estrutura que garantia o sucesso modelo de crescimento adotado no país (ROJAS, 2005). No último quarto do século XX, os principais elementos condicionantes do sucesso da Suécia por cem anos como nação industrial foram, gradualmente, desmantelados.

The cause of the revolution in the world of enterprise and organization, which we are talking about here, is of course the ground-breaking technological and institutional development, which the world has undergone since the 1970's. Microelectronics and computerization sum up the technical side of the change. Globalization sums up the institutional side. These aspects are of course interconnected and add up to a completely different frame for the whole organization of society. The death of the Fordist factory also spells the demise of the world of the classical industrial society. The world is being transformed into an integrated arena of production and communications, one vast innovation market where nearly everything changes from one day to the next. And survival in this global market requires speed, flexibility and receptivity to new impulses, capacity for change, and a zest for innovation which makes immense demands on all of us and requires an appropriate social organization. The potentialities of this development are enormous, but the pressure of change is also painfully unsettling, and reluctance to change is simply disastrous. (ROJAS, 2005, p. 53)

O setor industrial e sua crescente produtividade eram a base da política econômica sueca, e, segundo Rojas (2005), essa característica era corroborada pela análise do desenvolvimento internacional desde a Primeira Revolução Industrial, que apresentava uma clara tendência à concentração em grandes indústrias. Por isso, quando essas empresas apresentaram sinais de crise em 1970, o Estado comprometeu-se com a preservação dessa estrutura, apesar da queda visível no setor tradicional de sua indústria.

Soma-se a isso a liberalização do mercado internacional e a acelerada desregulamentação do setor financeiro nacional. Com o setor produtivo estagnado, os agentes econômicos recorreram ao mercado financeiro na busca de enriquecimento, desta vez por meio de especulações, e não por investimentos no setor produtivo, criando, assim, uma bolha especulativa na economia sueca durante a década de 1980.

No entanto, a recessão de 1990 serviu para diminuir a importância dos setores estagnados desde 1970, e para provar a necessidade da participação ativa do Estado na economia, seja para o seu desenvolvimento, seja para o seu resgate. Atualmente a Suécia passa por mais um período de transição para reestruturar sua economia às demandas da nova realidade e retonar a prosperidade do século anterior.

BIBLIOGRAFIA

ADAMS, M.; ANDERSSON, J.; ANDERSSON, L-F.; LINDMARK, M. **The Historical Relation between Banking, Insurance and Economic Growth in Sweden: 1830 to 1998**. País de Gales: University of Wales Swansea. 2005. Disponível em: <http://neumann.hec.ca/gestiondesrisques/dim/Papers/Adams.pdf>. Acesso em: 16 jan. 2013

ANDERSSON, T. **Building long term strategies and public-private alliances for export development: the Swedish case**. Santiago: Comissão Econômica para a América Latina e o Caribe. 2010. Disponível em: <http://www.eclac.org/cgi-bin/getProd.asp?xml=/publicaciones/xml/2/41552/P41552.xml&xsl=/comercio/tpl-i/p9f.xsl&base=/tpl-p/top-bottom>. Acesso em: 16 jan. 2013

ANXO, D. ; NIKLASSON, H. **The Swedish Model in Turbulent Times: Decline or Renaissance?**. Working Papers n. 2006/6, Suécia: Centre for Labour Market Policy Research. 2004. Disponível em: <http://studieportal-elnu.lnu.se/mod/forum/discuss.php?d=364>. Acesso em: 16 jun. 2013

BAIROCH, P.; KOZUL-WRIGHT, R. **Globalization myths: some historical reflections on integration, industrialization and growth in the world economy**. In: WIDER - Conferência sobre corporações transnacionais e a economia mundial, 1995, Kings College. Genebr: UNCTAD Discussion Papers, 1996, n. 113. Disponível em: http://www.unctad.org/en/docs/dp_113.en.pdf. Acesso em: 16 jan. 2013

BAKER, J. **Constructing the People's Home: The Political and Economic Origins and Early Development of the "Swedish Model" (1879-1976)**. Tese para Doutorado em Filosofia. Washington: The Catholic University of America. 2007. Disponível em: <http://aladinrc.wrlc.org/handle/1961/9302>. Acesso em: 16 jan. 2013

BLOMSTRÖM, M.; KOKKO, A. **From natural resources to high-tech production: the evolution of industrial competitiveness in Sweden and Finland**. Londres: Centre for Economic Policy Research. 2002. Disponível em: <http://www2.hhs.se/eijswp/139.PDF>. Acesso em: 16 jan. 2013

BOHLIN, J. **Structural Change in the Swedish economy in the late nineteenth and early twentieth century: The role of import substitution and export demand**. Göteborg Papers in Economic History, n. 8. Gotemburgo: Göteborg University, School of Business, Economics and Law. 2007. Disponível em: <https://gupea.ub.gu.se/bitstream/2077/3105/1/gunhis08.pdf>. Acesso em: 16 jan. 2013

_____. **Sweden: the rise and fall of the Swedish model**. In: Foreman-Peck, J.; Federico, G. (Ed.). *European Industrial Policy: The Twentieth-century Experience*. Nova York: Oxford University Press, 1999, p. 152-176. Disponível em: <https://gupea.ub.gu.se/bitstream/2077/2955/1/gunhis01.pdf>. Acesso em: 16 jan. 2013

_____. **Tariff protection in Sweden 1885–1914**. Gotemburgo: Göteborg University, School of Business, Economics and Law. 2005. Disponível em: <https://gupea.ub.gu.se/bitstream/2077/2955/1/gunhis01.pdf>. Acesso em: 16 jan. 2013

CAVALCANTI, P.; CORDEIRO, A.; LEITE, K. **Do fim de Bretton Woods à crise Sub-prime: a securitização como solução e causa de duas crises financeiras.** In: IV Encontro Internacional da Associação Keynesiana Brasileira (AKB), agosto de 2011, Rio de Janeiro. Sessões Ordinárias, [S. l.]: AKB. Disponível em: <http://www.ppge.ufrgs.br/akb/encontros/2011/18.pdf>. Acesso em: 16 jun. 2013

CHANG, H-J. **Chutando a escada: A estratégia do desenvolvimento em perspectiva histórica.** 1.ed. São Paulo: Fundação Editora da Unesp. 2003

CLEMENT, W. **Exploring the Limits of Social Democracy: Regime Change in Sweden,** Studies in Political Economy, [S. l.], n. 44, 1994. Disponível em: <http://spe.library.utoronto.ca/index.php/spe/article/view/11248>. Acesso em: 16 jan. 2013

DALY, D. ; HORVATH D. ; **Small countries in the world economy: The case of Sweden.** Canadá: Institute for Research on Public Policy. 1989. Disponível em: http://books.google.com.br/books?id=U7uRY3FvdC4C&pg=PA88&lpg=PA88&dq=%22small+countries+in+the+world+economy%22&source=bl&ots=6TCAvo0hxD&sig=tOfarPIWtWPb0VMw5YcSkvRIDk&hl=pt-BR&sa=X&ei=XmTHUv_TNYu-kQfGnYGABQ&ved=0CDUQ6AEwAQ#v=onepage&q=%22small%20countries%20in%20the%20world%20economy%22&f=false. Acesso em: 16 jan. 2013

DAVIS, S.; HENREKSON, M. **Industrial Policy, Employer Size, and Economic Performance in Sweden.** In: Freeman, R.; Topel, R.; Swedenborg, B. The Welfare State in Transition: Reforming the Swedish Model. Chicago: University of Chicago Press, 1997. p. 353 – 398. Disponível em: <http://www.nber.org/chapters/c6527>. Acesso em: 16 mar. 2013

DELSEN, L. ; VAN VEEN, T. **The Swedish model: relevant for other European countries?** British Journal for Industrial Relations, Londres, v. 30, pp. 83-105, 1992. Disponível em: <http://arno.unimaas.nl/show.cgi?fid=11464>. Acesso em: 16 jun. 2013

EDIN, P-A.; TOPEL, R. **Wage Policy and Restructuring: The Swedish Labor Market since 1960.** In: Freeman, R.; Topel, R.; Swedenborg, B. The Welfare State in Transition: Reforming the Swedish Model. Chicago: University of Chicago Press, 1997. p. 155 - 202. Disponível em: <http://www.nber.org/chapters/c6522>. Acesso em: 16 mar. 2013

EICHENGREEN, B. **Global imbalances and the lessons of Bretton Woods,** International Economics, [S. l.], 2004/4, n° 100, p. 39-50. Disponível em: http://www.cairn.info/article.php?ID_REVUE=ECOI&ID_NUMPUBLIE=ECOI_100&ID_ARTICLE=ECOI_100_0039. Acesso em: 16 jun. 2013

ENGLUND, P. **The Swedish banking crisis: roots and consequences.** Oxford review of economic policy, Oxford, v.15, n.3, p. 80-97, 1999. Disponível em: <http://oxrep.oxfordjournals.org/content/15/3/80.short>. Acesso em: 16 jun. 2013

ERIXON, L. **A social innovation or a product of its time? The Rehn-Meidner model's relation to contemporary economics and the Stockholm school.** Research Papers in Economics. Estocolmo: Stockholm University. 2008. Disponível em: <http://people.su.se/~erixo/RMroots.pdf>. Acesso em: 16 mar. 2013

_____ **The golden age of the Swedish model: the coherence between capital accumulation and economic policy in Sweden in the early postwar period.** Oslo: Oslo Institute for Social Research. 1996. Disponível em: <http://www2.ne.su.se/paper/lerixon.pdf>. Acesso em: 16 mar. 2013

_____ **The Rehn-Meidner model in Sweden: its rise, challenges and survival.** Research Papers in Economics. Estocolmo: Stockholm University. 2008. Disponível em: <http://people.su.se/~erixo/R-M2008b-1.pdf>. Acesso em: 16 mar. 2013

_____ **The Swedish third way: an assessment of the performance and validity of the Rehn–Meidner model.** Cambridge Journal of Economics, Oxford, v. 32, n.3, p. 367-393, dez., 2007. Disponível em: <http://cje.oxfordjournals.org/content/32/3/367>. Acesso em: 16 mar. 2013

FÄLTING , L.; LILJA, K.; PETERSSON, T. **The savings banks and the financial revolution. Deposit and lending strategies of the Swedish savings banks, c1860–1920.** Uppsala : Uppsala University, 2007. Disponível em: <http://www.ebha.org/ebha2007/pdf/Falting.pdf>. Acesso em: 16 jan. 2013

GUSTAVSON , G. **The small giant: Sweden enters the industrial era.** Ohio: Ohio University Press, 1986

HAGBERG, T. ; JONUNG, L. **How costly was the crisis of the 1990s?: A comparative analysis of the deepest crisis in Finland and Sweden over the last 130 years.** Economic Papers n. 224, Bruxelas: Comissão Europeia, 2005. Disponível em: http://ec.europa.eu/economy_finance/publications/publication692_en.pdf. Acesso em: 16 jun. 2013

HANSSON, P.; JONUNG, L. **Finance and Economic Growth: The Case of Sweden 1834-1991.** Working Paper Series in Economics and Finance, n. 176. Estocolmo: Stockholm University. 1997. Disponível em: <http://swopec.hhs.se/hastef/papers/hastef0176.pdf>. Acesso em: 16 jan. 2013

HECKSCHER, E. **An Economic History of Sweden.** 2.ed. Cambridge: Harvard University Press. 1954

HERRING, R.; WACHTER, S. **Real estate booms and banking busts: an international perspective.** Working Paper, Pensilvânia: Wharton financial institutions center, 1999. Disponível em: <http://fic.wharton.upenn.edu/fic/papers/99/9927.pdf>. Acesso em: 16 jun. 2013

HIBBS, D.; LOCKING, H. **Wage dispersion and productive efficiency: evidence for Sweden.** Journal of Labor Economics, Chicago, v. 18, n. 4, pp. 755-782, Out., 2000. Disponível em: <http://www.jstor.org/stable/10.1086/209976>. Acesso em: 16 mar. 2013

HOBSBAWM, E. **Era dos extremos: O breve século XX.** 2.e.d. São Paulo: Companhia das Letras. 1995.

HÖGSELIUS, P. **Lost in translation? : Science, technology and the state since the 1970s.** Working Paper Series in Economics and Institutions of Innovation n. 119, Estocolmo: Royal

Institute of Technology, 2008. Disponível em:
<http://www.kth.se/dokument/itm/cesis/CESISWP119.pdf>. Acesso em: 16 jun. 2013

HOUPT, S. **Productivity and Transition in Swedish Iron and Steel, 1870-1940**. Madrid: Universidade Carlos III de Madrid. 2007. Disponível em: <http://e-archivo.uc3m.es/bitstream/10016/843/7/wp-07-10.pdf>. Acesso em: 16 jan. 2013

JOHNSTON, T. L. **Wages Policy in Sweden**. *Economica*, Londres, v. 25, n.99, Aug., 1958, pp. 213-229. Disponível em: <http://www.jstor.org/stable/2550725>. Acesso em: 16 mar. 2013

JONUNG, L. **Financial Crisis and Crisis Management in Sweden: Lessons for Today**. ADBI Working Paper n. 165, Tóquio: Asian Development Bank Institute. 2009. Disponível em: <http://www.adbi.org/working-paper/2009/11/20/3368.financial.crisis.mngt.sweden/>. Acesso em: 16 jun. 2013

_____ **The Swedish model for resolving the banking crisis of 1991-1993: Seven reasons why it was successful**. *Economic Papers* n. 360, Bruxelas: Comissão Europeia, 2009. Disponível em:
http://ec.europa.eu/economy_finance/publications/publication14098_en.pdf. Acesso em: 16 jun. 2013

KAISERFELD, T. **From Royal Academy of Science to Reserach Institute of Society - long term policy convergence of Swedish Knowledge intermediaries**. Working Paper Series in Economics and Institutions of Innovation n. 121, Estocolmo: Royal Institute of Technology, 2008. Disponível em: <http://www.kth.se/dokument/itm/cesis/CESISWP121.pdf>. Acesso em: 16 jun. 2013

KAMIKAWA, R.; MABUCHI, M.; SVENSSON, T. **Managing the Bank-System Crisis in Coordinated Market Economies: Institutions and Blame Avoidance Strategies in Sweden and Japan**. *An International Journal of Policy, Administration, and Institutions*. [S.l.]. v. 19, n. 1, p. 43-74 Jan. 2006. Disponível em:
<http://onlinelibrary.wiley.com/doi/10.1111/j.1468-0491.2006.00303.x/abstract>. Acesso em: 16 jun. 2013

KOHLBACHER, A. **The Swedish banking crisis: roots and crisis management**. *In: Seminar Bank-Policies Prof. Dr. Dr. h. c. G. Franke*, University Konstanz. 2009. Disponível em:
<http://www.unikonstanz.de/FuF/wiwi/franke/frankehome/09%20ifmmfoe%20seminar/The%20Swedish%20banking%20crisis%20Anja%20Kohlbacher.pdf>. Acesso em: 16 jun. 2013

LINDBECK, A. **Theories and Problems in Swedish Economic Policy in the Post-War Period**, *The American Economic Review*, Estados Unidos, v. 58, n. 3, p. 1-87, Jun., 1968. Disponível em: <http://www.jstor.org/stable/1808521>. Acesso em: 16 mar. 2013

LINDBERG, I.; RYNER, M. **Financial crises and organized labour: Sweden 1990–1994**. *International Journal of Labor Research*, Genebra, v. 2, n.1, p.25-41, 2010. Disponível em:
<http://www.ilo.org/public/libdoc/ilo/P/09238/09238%282010-1%2925-4.pdf>. Acesso em: 16 jun. 2013

LJUNGBERG, J. **About the Role of Education in Swedish Economic Growth, 1867-1995.** Historical Social Research, Leibniz, 2002, v. 27, n. 4, p. 125-139. Disponível em: <http://www.jstor.org/discover/10.2307/20757955?uid=2129&uid=2&uid=70&uid=4&sid=21103185836053>. Acesso em: 16 jan. 2013

LUNDBERG, E. **Productivity and Structural Change: A Policy Issue in Sweden.** The Economic Journal, Londres, v. 82, n. 325, p. 465-485, Mar., 1972. Disponível em: <http://www.jstor.org/stable/2229948>. Acesso em: 16 jun. 2013

MACEY, J. **Institutional investors and corporate monitoring: a demand-side perspective,** Managerial and Decision Economics, [S.l.], v. 18, p. 601-610, 1997 Disponível em: <http://EconPapers.repec.org/RePEc:wly:mgtdec:v:18:y:1997:i:7-8:p:601-610>. Acesso em: 16 jun. 2013

MAGNUSSON, L. **An Economic History of Sweden.** 1.ed. Londres: Routledge. 2000

_____ **The Swedish model in historical context.** Kobe University Economic Review, Kobe, v. 52, p. 1-8, 2006, p. 1-8. Disponível em: <http://www.econ.kobe-u.ac.jp/doc/seminar/ER/files/magnusson.pdf>. Acesso em: 16 mar. 2013

ÖGREN, A. **The Swedish Financial Revolution,** Nova York: Palgrave Macmillan, 2010.

OLSSON, M.; SVENSSON, P. **Agricultural growth and institutions: Sweden, 1700–1860.** European Historical Economics Society, Cambridge, 2010, n. 14, p. 275–304. Disponível em: http://journals.cambridge.org/abstract_S1361491610000067. Acesso em: 16 jan. 2013

PLIHON, D. (1999). **Desequilíbrios mundiais e instabilidade financeira: a responsabilidade das políticas liberais/um ponto de vista Keynesiano.** In: Chesnais, F. (org), A mundialização financeira: gênese, custos e riscos. São Paulo: Ed. Xamã. Disponível em: www.eco.unicamp.br/docprod/downarq.php?id=451&tp=a. Acesso em: 16 jun. 2013

RYNER, M. **Neoliberal Globalization and the Crisis of Swedish Social Democracy.** Economic and Industrial Democracy, Uppsala, v. 20, n.1, p. 39-79, Fev. , 1999. Disponível em: <http://eid.sagepub.com/content/20/1/39.abstract>. Acesso em: 16 jun. 2013

ROJAS, M. **Sweden after the Swedish Model: From Tutorial State to Enabling State.** Estocolmo: Timbro, 2005. Disponível em: <http://www.timbro.se/bokhandel/pdf/9175665891.pdf>. Acesso em: 16 mar. 2013

SCHÖN, L. **Sweden – Economic Growth and Structural Change, 1800-2000.** EH.Net Encyclopedia, Arizona: Economic History Association, 2007. Disponível em: <http://eh.net/encyclopedia/sweden-economic-growth-and-structural-change-1800-2000/>. Acesso em: 16 jan. 2013

_____ **Technological Waves and Economic Growth - Sweden in an International Perspective 1850-2005.** Circle Electronic Working Paper series, Lund, v. 6, p. 33, 2008. Disponível em: http://www4.lu.se/upload/CIRCLE/workingpapers/200906_Schoen.pdf. Acesso em: 16 jan. 2013

SÖDERSTEN, B. **Cien años de desarrollo económico sueco (1870-1970)**. In: Blomström, M.; Meller, P. (Org.). Trayectorias divergentes : comparación de un siglo de desarrollo económico latinoamericano y escandinavo. Santiago: CIEPLAN, 1990. p. 29-51. Disponible em: http://www.politicaspUBLICAS.udp.cl/media/publicaciones/archivos/26/Capitulo_2.pdf. Acceso em: 16 jan. 2013

STEPHENS, J. **The Scandinavian welfare states achievements, crisis and prospects**. Discussion paper. Ginebra: United Nations Research Institute for Social Development. 1995. Disponible em: [http://unrisd.org/UNRISD/website/document.nsf/ab82a6805797760f80256b4f005da1ab/218cad0393b83ee680256b67005b6836/\\$FILE/dp67.pdf](http://unrisd.org/UNRISD/website/document.nsf/ab82a6805797760f80256b4f005da1ab/218cad0393b83ee680256b67005b6836/$FILE/dp67.pdf). Acceso em: 16 jun. 2013

TAUSS, A. **Contextualizing the Current Crisis: Post-fordism, Neoliberal Restructuring, and Financialization**. Colombia Internacional, Bogotá, n.76, jul. , 2012 Disponible em: <http://colombiainternacional.uniandes.edu.co/view.php/9109/index.php?id=9109>. Acceso em: 16 jun. 2013

TAYLOR, J. **The Swedish investment funds system as a stabilization policy rule**. Washington: Brookings papers on economic activity. 1982. Disponible em: http://www.brookings.edu/~media/projects/bpea/1982%201/1982a_bpea_taylor_baily_fischer.pdf. Acceso em: 16 mar. 2013